



15^ª Edição

Revista
*Inferno
de Letras*

Estudos em Letras: Multiplicidade e Resistência.

ISSN: 2447-1895

Revista Informe Letras

15ª EDIÇÃO - DEZEMBRO DE 2024 - ISSN 2447-1895



Revista do Grupo PET-Letras - Bagé da
Universidade Federal do Pampa (Unipampa)

TUTORA E EDITORA GERAL

PROF.ª DRA. CAROLINA FERNANDES

EQUIPE EDITORIAL, DESIGN E DIAGRAMAÇÃO

ALINE REINHARDT DA SILVEIRA

EDUARDA CUNHA GAZEN MANZKE

IASMIN SOARES TRINDADE

CAPA

IASMIN SOARES TRINDADE

REDATORES

ALINE BATISTA NUNES

ALINE REINHARDT DA SILVEIRA

EDUARDA CUNHA GAZEN MANZKE

EDUARDA MACHADO SEVERO

ÉRIC ROBERTO DA PAIXÃO

ELAINE MADRUGA PAIVA

FERNANDA MORRUDO ROSA

FLÁVIA MACHADO FRANCO

GABRIEL DE SOUZA PADÃO PORTO

ILMA TERESINHA FERREIRA PEREIRA

JÉSSICA VITÓRIA PINTO ROBLEDO

RYAN DOURADO RODRIGUES

COLAGENS

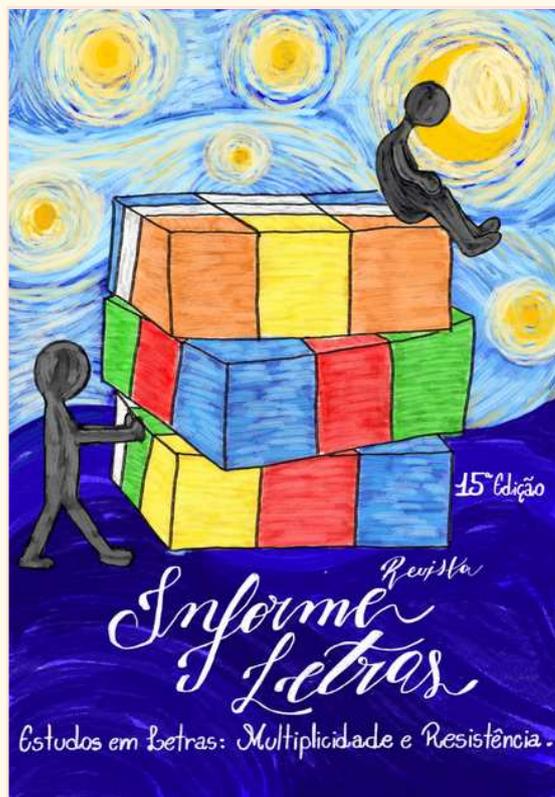
ALINE REINHARDT DA SILVEIRA

FLÁVIA MACHADO FRANCO

REVISÃO

FLÁVIA MACHADO FRANCO

CAROLINA FERNANDES (GERAL)



Todos os direitos reservados. Estritamente proibida a reprodução do material que compõe este volume sem a liberação prévia da equipe PET-Letras.

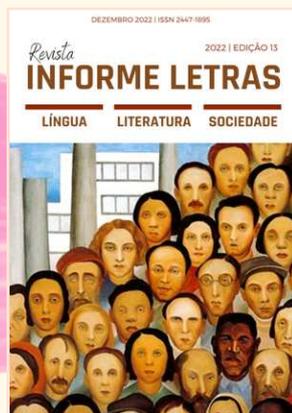
Av. Maria Anunciação de Godoy, 1650 - Bagé - RS

pet.letrasbage@gmail.com

@pet.letrasbage

 sites.unipampa.edu.br/petletrasbage

**EDIÇÕES
ANTERIORES**





O GRUPO PET-LETRAS

O PET-LETRAS faz parte do programa do governo federal chamado Programa de Educação Tutorial. Na Unipampa, está vinculado às pró-reitorias relacionadas a Graduação, Pesquisa e Extensão. Na intersecção desses três eixos, o programa objetiva atuar sobre a graduação, a partir do desenvolvimento de ações coletivas e de caráter interdisciplinar, para formação ampla do profissional em Letras, assim como auxiliar na redução de retenção e evasão. O PET busca, ainda, promover a formação ampla de qualidade acadêmica dos graduandos envolvidos direta e indiretamente com o programa, estimulando ações internas e externas que reforcem a cidadania e a responsabilidade social de todos os participantes e a melhoria dos cursos de graduação. O grupo PET do curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa do Campus Bagé existe desde 2010, tendo como eixos a leitura, a oralidade e a escrita nas diversas mídias. Para levar



os acadêmicos a desenvolver tais habilidades, são promovidas oficinas, minicursos e produções acadêmicas coletivas. O trabalho é desenvolvido de maneira integrada por meio de atividades variadas, entre elas, a confecção de nossa revista digital Informe Letras.



ALINE BATISTA NUNES



ALINE REINHARDT DA SILVEIRA



EDUARDA CUNHA GAZEN MANZKE



EDUARDA MACHADO SEVERO



ÉRIC ROBERTO DA PAIXÃO



ELAINE MADRUGA PAIVA



FERNANDA MORRUDO ROSA



FLÁVIA MACHADO FRANCO



GABRIEL DE SOUZA PADÃO PORTO



IASMIN SOARES TRINDADE



ILMA TERESINHA FERREIRA PEREIRA



JÉSSICA VITÓRIA PINTO ROBLEDO



CAROLINA FERNANDES TUTORA





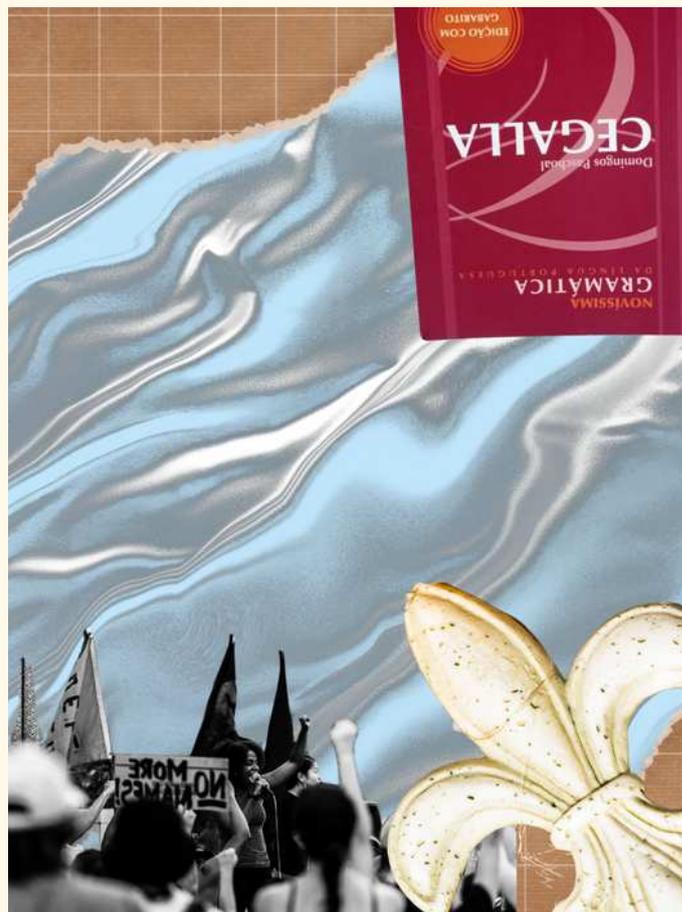
CARTA AO LEITOR

Não é difícil ainda hoje encontrar aqueles que ao pensar no curso de Letras imaginem que apenas aprendemos sobre a gramática, a ortografia, algo quase como a antiga disciplina de Retórica lá nos tempos de Pombal. A área da Letras ainda é um terreno muito desconhecido para quem não está inserido nela ou não está próximo. Nesta 15ª edição da Revista Informe Letras, convidamos tanto aqueles que ainda não nos conhecem quanto os velhos amigos a explorar e a descobrir um pouco mais sobre a nossa multiplicidade. Aqui, você poderá encontrar textos sobre Análise do Discurso, Literatura, Histórias em Quadrinhos, Cultura, Educação e debates sobre o uso da Gramática Normativa. Tudo isso envolvido em resistência, revelando a ferramenta que a nossa Língua é e os recursos que ela nos dá para lutarmos e cada vez mais garantirmos nosso lugar que é de direito no mundo. Mas não se engane, o campo de alcance das Letras não termina por aqui, outras de nossas facetas estão aguardando por você nas edições antigas e futuras da Revista Informe Letras!

Boa leitura!

Flávia Robin

INTEGRANTE DO PET-LETRAS





“O CLIMA ESTÁ LOUCO!”:
FORMAÇÃO DISCURSIVA E
PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE
A CRISE CLIMÁTICA EM CHARGES **06**

Aline Reinhardt da Silveira

MULHERES, REGIME E
QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO DE RESISTÊNCIA DAS
MULHERES EM *PERSÉPOLIS*, DE
MARJANE SATRAPI **12**

Eduarda Cunha Gazen Manke

EMPODERADOR OU IMORAL?
UMA ANÁLISE DO DISCURSO
SOBRE O FILME POBRES
CRIATURAS NAS REDES SOCIAIS **18**

Flávia Machado Franco

UMA ANÁLISE DOS PADRÕES
POTENCIALIZADOS ATRAVÉS DA
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL **23**

Jéssica Vitória Pinto Robledo

O USO DO “DEMONSTRATIVO
POLÊMICO”: POR QUE (NÃO) SE
PODE USAR “O MESMO” COMO
ANÁFORA? **28**

Elaine Madruga Paiva

MEMÓRIA E IDENTIDADE
ANGOLANA EM UM RIO PRESO
NAS MÃOS, DE ANA PAULA
TAVARES **32**

Aline Batista Nunes, Eduarda
Machado Severo e Ryan Dourado
Rodrigues

A INFLUÊNCIA
AFRODESCENDENTE NAS
TRADIÇÕES GAÚCHAS: UM
LEGADO DE RESISTÊNCIA E
CULTURA **36**

Ilma Teresinha Ferreira Pereira

O BULLYING NO AMBIENTE
ESCOLAR: O USO DAS
INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO
APARELHO IDEOLÓGICO DO
ESTADO **40**

Gabriel de Souza Padão Porto

ANÁLISE DE INDICADORES
SOCIAIS E EDUCACIONAIS - A
DESIGUALDADE NO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL **45**

Fernanda Morrudo Rosa

PERCURSO, ESCRITA E
PANORAMA: ENTREVISTA COM O
AUTOR JOSÉ FRANCISCO
BOTELHO **49**

Éric Roberto da Paixão



**“O CLIMA ESTÁ LOUCO!”:
FORMAÇÃO DISCURSIVA
E PRODUÇÃO DE
SENTIDOS SOBRE A
CRISE CLIMÁTICA EM
CHARGES**



ALINE REINHARDT DA SILVEIRA





A emergência climática também é uma questão discursiva, e que não se limita aos sentidos verbais. Nesse texto, propomos uma análise de charges que abordam o tema.



A Análise de Discurso Materialista surgiu a partir do entendimento de Michel Pêcheux e seu grupo em busca de uma teoria que tivesse por objeto o discurso e que considerasse a perspectiva materialista, a partir da leitura althusseriana da obra de Marx (o Marx de *O Capital*, também chamado de Velho Marx). Assim, o discursivo é considerado como constitutivo da língua, e os sentidos, produzidos enquanto efeitos, sob determinadas condições de produção, não poderiam ser definidos a priori, nem entendidos como colados às palavras e imutáveis. Pêcheux trabalhou em busca de uma epistemologia da ciência que não fosse idealista, preocupada apenas ou majoritariamente com a forma, como ocorria na linguística até então praticada, e que não fosse presa às determinações vigentes até os anos 1970 e 1980, ao menos, sobre a Semântica, que considerava todo o “resto não linguístico” como de ordem da pragmática.



Assim, Pêcheux desenvolveu uma noção de discurso compreendido como um processo, o processo discursivo, constitutivo de toda a produção de efeitos de sentidos, à qual somos instados incontornavelmente diante de qualquer objeto linguístico ou de materialidade significativa a interpretar. Na produção de sentido também se configura o sujeito, entendido como uma posição-sujeito e não como sujeito empírico, que se configura na relação entre posição-sujeito e forma-sujeito que estrutura a formação discursiva (FD). A noção de FD, por sua vez, é proposta como uma regulação do saber que regula a produção de sentidos, produzidos uns em relação aos outros e sem estar presos às palavras.

No mesmo sentido, em Maldidier encontramos a noção de discurso abordada a partir do entrelaçamento entre língua, história e sujeito, questões determinantes e constitutivas da teoria do discurso, afirmando que “O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito” (Maldidier, 2003, p.15). Dessa forma, a AD busca colocar língua e história em contato em uma teoria materialista da linguagem, considerando uma teoria da Ideologia que entende o sujeito como desde sempre interpelado, aos quais se soma o atravessamento por uma teoria psicanalítica do inconsciente.



Além das noções basilares para a AD mencionadas, respaldamo-nos também na noção de materialidade significativa desenvolvida por Lagazzi (2011), permitindo-nos observar não só elementos da ordem da língua, mas também de outras linguagens, como constitutivos do discurso que se pretende analisar. Dessa forma, a produção de sentidos em um processo discursivo se desenvolve sempre em relação a, e essas relações de sentidos não se limitam ao que é da ordem da língua, podendo o discurso ser observado/analizado em outras materialidades (imagética, sonora, audiovisual, artística, musical, coreográfica, corpórea etc.). São, dessa forma, partes de um processo discursivo em que, por exemplo, imagens compõem um discurso tanto quanto o verbal estritamente falando, e que podem ensejar outras produções enunciativas, até mesmo verbais, a partir de sua

emergência. Conforme a autora, “O discursivo é, assim, a ligação entre as duas ordens, a instância que nos possibilita ter, na linguagem, o simbólico e o imaginário, juntos” (Lagazzi, 1988, p. 38), sendo o simbólico da ordem da língua, enquanto o imaginário encontra-se na ordem do ideológico.

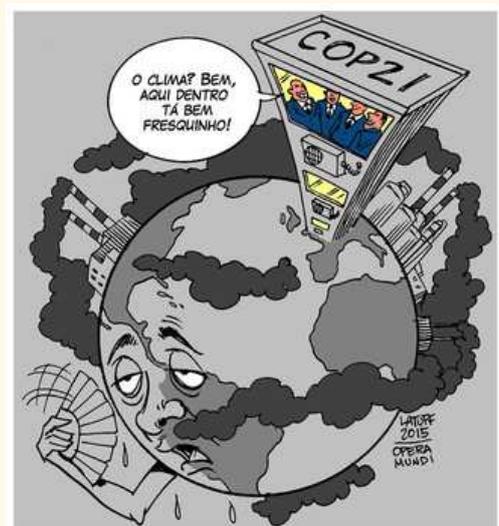
A AD, segundo a autora, busca justamente a “desconstrução” da relação entre linguístico e ideológico, entre simbólico e imaginário, buscando compreender o real da linguagem. Buscamos, portanto, neste trabalho, desenvolver um exercício de análise de duas charges que tematizam o discurso sobre a crise climática, as quais entendemos como representativas do discurso de resistência à destruição das condições de vida humana, além de inúmeras outras formas de existência, no planeta.

Figura 1: SD1 - Charge “O clima está louco”



Fonte: Reprodução de charge de Molina

Figura 2: SD2 - Charge “COP21”



Fonte: Reprodução de charge de Latuff





Produzidas por diferentes artistas, as charges abordam aspectos de uma mesma temática. A Figura 1 (a qual chamaremos Sequência Discursiva 1 - SD1), nos apresenta, em seu eixo da formulação, um cenário composto por cores sombrias, com o único ponto de cor vibrante sendo a camiseta da criança quase ao centro da cena. Da direita para a esquerda, de cima para baixo (leitura em sentido horário) da imagem, vemos a representação da silhueta de um complexo industrial com muitas chaminés que exalam uma fumaça preta e espessa que toma conta de quase um quarto da cena. À frente da fábrica, um muro a separa do exterior, que está crivado de lixo e dos tocos que representam os restos das árvores cortadas que um dia viveram ali. A criança, com uma camiseta vermelha com o número 7 estampado, olha para esse cenário com olhar assustado e apreensivo. O menino, branco, está de mão dada com um homem branco adulto, o qual pode ser interpretado enquanto pai do garoto. O adulto tem a mão estendida para aparar uma única gota que cai do céu enquanto olha para cima, o qual, além da fumaça, é dominado por um sol representado como escaldante. Ambos personagens apresentam gotas de suor caindo de seus rostos. Enquanto o adulto/pai olha para o sol e a gota, com o olhar direcionado para o quadrante superior esquerdo, o menino olha na direção oposta, para o quadrante superior direito, ou até mesmo toda a metade direita da imagem. Enquanto isso, o adulto afirma “O clima está louco!”, ao que a criança responde “Sim, ‘o clima’...!”.

Nosso gesto de análise se dá em torno de um efeito de sentido possível de que o diálogo entre pai e filho trata, com ironia, os dizeres que são atribuídos levemente ao clima, geralmente no âmbito de uma formação discursiva (FD) que nega os efeitos da ação humana e do modo de produção capitalista para a deterioração das condições climáticas, que considera os fenômenos “imprevisíveis”, ou, ainda, que considera a natureza um ente passível de apresentar uma suposta loucura, a qual estaria sendo ao mesmo tempo a causa e o efeito do problema – tal qual a figura cômica e paradoxal do Barão de Münchhausen salvando a si mesmo ao puxar-se pelos próprios cabelos, como nos exemplifica Pêcheux (2014). Esse efeito de ironia está ancorado discursivamente tanto na resposta do filho, “Sim, ‘o clima’...!”, em que as reticências funcionam como indicativos da prosódia irônica da frase, quanto nos elementos imagéticos que mostram o cenário de poluição e destruição em que ambas as figuras se encontram. O efeito de ironia no diálogo é de que não é o clima quem estaria louco, mas louco seriam aqueles que provocaram a poluição e a destruição que desregulam o clima.

Além disso, um dos efeitos de sentido possíveis de se produzir a partir da charge é o de que o adulto/pai/geração

anterior olha em direção às consequências do descaso ambiental, focaliza o efeito que está sofrendo com o calor e a seca, enquanto a criança/filho/nova geração observa, em pânico, as causas desse efeito do qual o pai reclama. Ao mesmo tempo, esse adulto insiste em manter-se de costas para a causa do problema, atribuindo-o a um suposto fenômeno “natural” desregulado sem uma causa aparente. A charge pode ser considerada, por conseguinte, enquanto representante de outra posição possível na formação discursiva que regula os discursos de resistência à destruição climática, relacionada à denúncia do papel que as pessoas comuns têm em ignorar as causas das mudanças climáticas ao dar as costas para não ver a destruição sendo perpetrada pela industrialização excessiva, pelo lixo do exagero do consumo e pela destruição dos elementos da natureza, em uma atitude que busca ignorar o legado de destruição que as gerações passadas estão deixando para as gerações vindouras. Permite compreender, ainda, que nem mesmo começar a sofrer as consequências dessa conjuntura está sendo o suficiente para que uma tomada de consciência e uma vontade de revolta despertem na pessoa comum, pois insiste em ver os efeitos das ações humanas e julgá-las como “loucura”, e não olhar para as causas que precisam ser repensadas e resolvidas.



É a ideologia, pelas figuras da interpelação e das determinações ideológicas, que atuam, por meio de práticas, no sentido em que Althusser (2008) introduz essa noção nos estudos materialistas, para a “naturalização” da destruição da natureza e das condições de vida promovido pelo modo de produção capitalista; “naturalização” não deve ser entendido como mera “banalização” ou “familiaridade”, mas sim em sua ligação com o léxico “natural”, uma vez que essa naturalização a que nos referimos é processo que atribuiu a um fenômeno natural o resultado de ações deliberadas. Tal “atribuição” se manifesta no discurso, assim como o trabalho de resistência e revolta também encontra caminho por meio do discurso. É a luta de classes, mais uma vez e sempre, presente nas tensões que se estabelecem entre a classe dominante e as classes dominadas no embate pela tomada dos espaços de exercício do poder. A atitude do “adulto na sala”, ou seja, aquele indivíduo que em tese teria mais condições de se responsabilizar, deixa claro que o trabalho ideo-



lógico para a reprodução das condições de exploração é forte a ponto de ameaçar até mesmo a viabilidade da existência do dominado enquanto ser vivo, e mesmo assim essa ameaça segue ignorada por quem poderia se revoltar contra a trajetória apocalíptica na qual está inserido.



Na mesma trilha, a SD2 apresenta um planeta Terra totalmente em tons de cinza, em que fábricas que emanam grossas nuvens de fumaça cinza escuro pelas chaminés se destacam em sua superfície. A Terra, antropomorfizada, está suando e tem olhos, sobrancelhas, nariz e boca em uma expressão de exaustão por calor, com as pálpebras caídas e a boca entreaberta. Ao mesmo tempo, tem um braço, com o qual se abana com um leque que tem na mão, reforçando a ideia de calor ou aquecimento extremo. O rosto exaurido da Terra encontra-se sobreposto pela região das Américas; sobre a região que representa a Europa na charge, ergue-se um prédio do tipo arranha-céu, também cinza, pelas janelas do qual podemos ver seu interior iluminado, o que é indicado pela cor amarela nas aberturas, e há condensadores de aparelhos de ar condicionados representados sob cada uma dessas janelas. No último andar, observa-se quatro homens brancos de terno azul marinho e engravatados, rindo com escárnio, e acima deles, na cobertura do prédio, está escrito “COP21”, em alusão à conferência entre líderes mundiais que trata do clima e que deveria buscar soluções e encaminhar ações efetivas para mitigar os efeitos da mudança climática e tentar prevenir uma hecatombe mundial. Um dos homens engravatados fala: “O clima? Bem, aqui dentro tá bem fresquinho!”.

Assim, é possível observar a possibilidade de efeito de sentido relacionado ao descaso com o qual a emergência climática é tratada por aqueles que ocupam posições de poder e que são, portanto, integrantes da classe dominante. Diante de uma Terra superaquecida, exaurida e envolta em fumaça e poluição oriundas da produção industrial – característica emblemática do modo de produção capitalista, em identificação com a própria revolução industrial –, aqueles que deveriam estar reunidos em busca de soluções riem e ironizam as condições de calor extremo vividas pelo planeta, utilizando-se para isso de seu privilégio, na charge materializado pelo ambiente climatizado com ar condicionado que permite afirmar que naquela sala está “fresquinho”. Mesmo em uma sequência discursiva em que o imagético toma espaço privilegiado, senão principal, é pelo verbal, o linguístico, que a ironia é marcada. Mas, é importante insistir, tal ironia só é possível de ser compreendida enquanto efeito de sentido em batimento com o todo imagético no qual o linguístico está inserido de forma gráfica (letras escritas). Trata-se de reiterar a necessidade de observar-se o todo passível de interpretação ao buscar analisar discurso. A cena, portanto, é representativa dessa classe dominante que não só se recusa a abrir mão de seu privilégio, mas também que se utiliza dele para, cnicamente, criticar os discursos os quais clamam por ações de mudança para o clima, de forma a manter a reprodução das condições de exploração de pessoas e de recursos naturais que estão na base do funcionamento do modo de produção dominante.

O questionamento “O clima?” relaciona-se, no âmbito dos sentidos, à imagem da Terra acalorada abanando-se com um leque, assim como relaciona-se com outros dizeres anteriores e que podem ser recuperados a partir do interdiscurso (a instância discursiva que representa tudo aquilo que já foi dito e nos permite, a partir disso, produzir sentidos, e tudo aquilo que ainda poderá ser dito) ou mesmo da memória discursiva (relacionada mais diretamente aos discursos sobre o mesmo assunto já em circulação em dada formação social). Essa pergunta não surge “do nada”, e só pode ser respondida da forma como foi na charge porque está inserida em determinadas condições de produção em que o planeta está em acelerado aquecimento e as condições climáticas cada vez mais precárias e em que, apesar disso, não se vê preocupação ou engajamento daqueles que ocupam posições de exercício do poder em atitudes compatíveis com a magnitude do desastre em curso. Portanto, os efeitos de sentido possíveis a partir da SD2 relacionam-se a escrachar a atitude debochada e pouco preocupada daqueles que mantêm seus privilégios mesmo diante da crise climática (os que ficam “no fresquinho”) e, por meio desse movimento de escancarar uma atitude irresponsável dos ditos líderes mundiais reunidos na COP21, produzir um efeito de denúncia e revolta

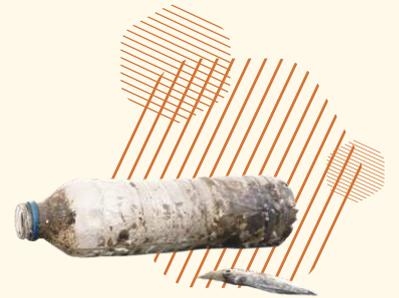


contra os saberes de uma formação discursiva que nega ou negligencia as ameaças climáticas. Dessa maneira, podemos compreender que também a SD2 faz parte de uma FD que busca retardar ou frear a crise climática, mobilizando saberes em torno da negligência dos poderosos, estabelecendo também uma posição sujeito de denúncia e revolta nessa FD, por meio de uma forma de humor que é a charge, cuja brevidade aliada aos sentidos contundentes que pode produzir costumam ter grande impacto naqueles que com elas entram em contato, em função de seu meio de circulação, geralmente em periódicos como jornais e revistas, ou, mais recentemente, pelas redes sociais – preservada sua característica de comentário crítico a acontecimentos do contexto imediato.



Em conclusão, podemos compreender que as duas charges são produzidas a partir de sujeitos e sentidos que, concomitantemente, se constituem a partir de uma FD que denuncia a crise climática, a qual também poderíamos chamar de FD pró-ambiental, que está ciente do desastre em curso e que busca mitigar seus efeitos no planeta. Há variação no direcionamento da crítica engendrada por cada uma das SDs, sendo que a SD1 tematiza o papel das pessoas comuns, no cotidiano ordinário, para as alterações no clima, causando secas nunca antes vistas como um exemplo, e o legado às gerações futuras, daqueles que hoje são crianças ou que ainda estão para nascer, legado construído pela atitude de não se compreender como corresponsável pelas mudanças em curso. Na SD2, a crítica tematiza a negligência da classe dominante no exercício do poder nas diferentes formações sociais para com o aquecimento global, ao manterem-se em seu privilégio de classe de pouco sofrerem os efeitos da mudança climática, especialmente representada pela realização de encontros que, de fato, até hoje não empreenderam ações efetivas para a resolução dessa crise.

A AD não só nos permite desenvolver uma compreensão desses efeitos de sentido, mas também nos permite relacionar tais sentidos com o modo de produção capitalista, criticado em ambas SDs, em que o comércio e a industrialização excessivos agravam problemas já instalados. Tal teoria do discurso nos permite, também, desenvolver gestos de análise que relacionam as duas charges a um mesmo discurso, o qual pode ser identificado por sua relação com as questões ambientais, e que, assim, diante das condições de produção atuais, produzem sentidos a partir de uma mesma formação discursiva pró-ambiental, instaurando posições sujeito muito próximas, que, apesar de possivelmente não coincidirem totalmente, são posições que estão em concordância com a forma sujeito que estrutura a FD. Tal forma sujeito imprime à FD um sujeito do saber que busca, ainda, mitigar ou frear a destruição planetária que a crise climática representa. E é por meio da charge, enquanto materialidade significativa que estabelece enunciado verbo-visual, que esse discurso se materializa ■



REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. **O chapéu de Clémentis**. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURSKY, 186 Freda; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (Org.) Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre, RS: ed. Sagra Luzatto, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

HENRY, Paul. **Construções Relativas e Articulações Discursivas**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, v. 19, p. 43–64, 2012. DOI: 10.20396/cel.v19i0.8636825. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636825>. Acesso em: 14 nov. 2024.

LAGAZZI, Suzy. **O Desafio de Dizer Não**. Campinas: Pontes, 1988.

LAGAZZI, Suzy. **O Recorte e o Entremeio**: condições para a Materialidade Significante. In: Análise de Discurso no Brasil: pensando o impensado sempre. Uma homenagem a Eni Orlandi. E.A.Rodrigues, G.L.Santos, L.C.Branco (orgs.). Campinas, RG Editores, 2011. p. 401-410.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003. ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos. 12ª ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

MULHERES, REGIME E QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DE RESISTÊNCIA DAS MULHERES EM *PERSÉPOLIS*, DE MARJANE SATRAPI

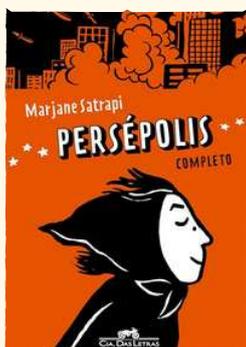


EDUARDA CUNHA GAZEN MANZKE

Introdução

Na virada do século, entre 2000 e 2003, a escritora iraniana Marjane Satrapi lançou uma série de quadrinhos intitulados *Persépolis*, por uma editora francesa independente. Os quadrinhos ganharam o mundo e foram publicados em diversos países, incluindo o Brasil, onde a obra foi editada e publicada em um volume único pela Companhia das Letras. Em 2008, a autora dirigiu um filme que adapta a história dos quadrinhos. Com caráter autobiográfico, a obra explora as experiências de vida da escritora, profundamente marcadas pela revolução islâmica que varreu o Irã em 1979 e a guerra que a sucedeu. Neste trabalho¹, faremos uma análise do discurso de resistência feminino, conforme é manifestado nos capítulos “Kim Wilde”, “A volta”, “O esquí”, “A convocação” e “As meias” da obra, à luz da Análise do Discurso (AD).

Persépolis é, em termos simples, uma história em quadrinhos (HQ). Em termos mais específicos, trata-se de um romance gráfico, ou, em inglês, *graphic novel*. No histórico das obras em quadrinhos, romance gráfico é uma expressão utilizada para diferenciar obras mais longas, com propósito mais narrativo, das revistas em quadrinhos (*comic books*) tradicionais, geralmente mais curtas e com menor preocupação com a continuidade. Apesar dessas diferenciações, tanto as *graphic novels* quanto os *comic books* se apoiam numa tradição dos quadrinhos iniciada no século XIX, como aponta Álvaro Moya em *História das histórias em quadrinhos*, em que texto e desenho compõem um todo narrativo, no qual o desenho sozinho não revela seu significado, e o texto sem desenho não significa nada (1986). Da mesma forma, ambas produções estão postas no alinhamento entre desenho, humor/ironia e literatura, sendo esses três elementos fundamentais para o entendimento das obras em quadrinhos.



Capa da edição brasileira de *Persépolis*

¹Agradeço as contribuições da professora Carolina Fernandes para este trabalho e também ao grupo de pesquisa “Subjetividades e discursividades contemporâneas em distintas materialidades significantes” que possibilitou essa pesquisa ao longo do ano de 2024.

Como a obra de Satrapi, outros romances gráficos combinam relatos (auto)biográficos e narrativas históricas. O exemplo mais notável é *Maus*, obra de Art Spiegelman, em que o autor descreve as experiências de sua família durante a Segunda Guerra Mundial, e que serviu de inspiração para *Persépolis*. A autora encontrou, nos quadrinhos, mais do que uma forma de unir a paixão pelo desenho e pela literatura, mas também uma forma de contar sua história de vida como mulher iraniana, após anos vivendo na Europa. O poder catártico da combinação entre arte gráfica e palavra escrita, se não é capaz de capturar todo o conjunto histórico e social de um determinado período, pode, por outro lado, manifestar determinados aspectos da experiência individual que nos oferecem um olhar ressignificado da resistência à opressão.



Capa da edição brasileira de “Maus”

Para analisar o discurso de resistência feminino manifestado nos quadrinhos de Satrapi, recorreremos à Análise do Discurso Materialista, entendida como aquela que “se ocupa da determinação histórica dos processos de significação” (Orlandi, 1996, p. 22), tendo por objeto de estudo o discurso, definido como efeito de sentido produzido na interação entre os sujeitos. Na obra, Marjane se coloca em uma posição oposta a do regime em que viveu, discursivizando sua posição de mulher no Irã e é assim que consideraremos o sujeito discursivo nesta obra. Na sequência, faremos uma análise dos capítulos mencionados, divididos em três seções e, por fim, faremos um apanhado do que vimos nas considerações finais.



Marjane Satrapi
Autora de *Persépolis*

“Kim Wilde” – a revolução cultural

Em *Persépolis*, há uma divisão da obra em três partes – a infância da autora em Teerã e os primeiros anos da Revolução Islâmica, a adolescência na Áustria (para onde os pais a enviam para protegê-la da guerra contra o Iraque) e o retorno ao Irã, já adulta.

A primeira parte, mais longa das três, tem início em 1980, quando Satrapi tem 10 anos e começa a experimentar as diferenças culturais, políticas, sociais e econômicas da revolução que derrubou o Xá Reza Pahlavi, que governava o Irã. O novo regime impôs uma série de regras e medidas, muitas das quais vieram a afetar diretamente a vida das mulheres iranianas, como, por exemplo, a obrigatoriedade do uso do véu. Ainda criança, a jovem Marji percebe essas mudanças com a inocência e a desconfiança típicas da infância. Criada por pais liberais, a menina experimenta o mundo dividido, de um lado, a liberdade e as crenças de sua família e do outro, um regime opressor, que mergulha o país em uma guerra e impõe sua vontade na população, tornando o ambiente opressor.



Azadi Tower
Teerã

Em “Kim Wilde”, Satrapi explora as proibições e limitações do regime teocrático, assim como as formas que a população subvertia essas proibições. No capítulo, com as fronteiras do Irã temporariamente reabertas, os pais de Marjane viajam à Turquia, trazendo para ela de presente tênis, jaqueta, posters de banda e outros itens da cultura ocidental. A menina usa as roupas novas para sair, indo até uma rua de Teerã onde contrabandistas vendem itens proibidos, como fitas cassete e maquiagem. Ela é interceptada pelas “guardiãs da revolução”, mulheres que vigiam umas às outras, punindo aquelas que não utilizavam corretamente o véu. As mulheres ameaçam levar Marjane para o comitê, onde ela seria punida por suas roupas e seus modos. A menina consegue evitar a situação, ao implorar e mentir para as guardiãs.

Imagem 1: Reprodução de trecho do capítulo “Kim Wilde”



Fonte: a autora

Na imagem, ao chegar em casa do encontro com as guardiãs, Marjane esconde da mãe o ocorrido e, em seu quarto, escuta as fitas que comprou dos contrabandistas: “Cada um se acalma como pode”, reflete ela, enquanto vemos no quadrinho a jovem cantando o trecho de uma música que diz “nós somos as crianças da América”, ou seja, que reforça seu desejo de se aproximar da cultura ocidental e de se afastar do regime teocrático. Esse capítulo é uma primeira demonstração daquilo que voltará a ser tema frequente ao longo da obra: as formas de resistência manifestadas pela população (em particular as mulheres), diante da opressão e da censura do regime islâmico.

A venda de produtos contrabandeados, a busca por elementos da cultura ocidental (que ficam mais atraentes justamente pelo fato de serem proibidos) e mesmo a mentira contada para as guardiãs são formas de manifestação de resistência em face da censura. Se a censura impede o sujeito de ocupar um determinado espaço (ou, nesse caso, de consumir determinada cultura), “... o sujeito tem de construir um outro lugar, para ser ‘ouvido’, para significar” (Orlandi, 1993, p. 108). Quando falamos, quando nos expressamos, passamos a nos significar, ou seja, quando Marjane se manifesta contra a censura em suas roupas e na música que ouve, ela se coloca como sujeito significante contrário ao regime. Essa relação entre censura e resistência voltará a ser explorada nas seções subsequentes.

Em 2008, Marjane Satrapi dirigiu o filme “Persépolis”, adaptação para o cinema de sua obra em quadrinhos homônima

A autora também dirigiu outras obras cinematográficas, como “Radioactive” (2019) e “As vozes” (2014)

“A volta” e “O esquí” – o silêncio

Nas formas e nos discursos de resistência, há aquele que não se manifesta pela linguagem em suas diversas materializações, mas inscreve-se nas significações do silêncio. Em *Persépolis*, é possível ver essa manifestação em alguns capítulos da obra. É do que trataremos nesta seção.

Aos 14 anos, Marjane é enviada à Viena pelos pais para estudar em um liceu francês, para protegê-la da guerra e dar a ela uma chance de estudar em uma escola laica. Sua condição não é aquela de um refugiado, nem necessariamente de um exilado, mas, da mesma forma, ela não pode voltar para seu país e sua família. Sem sentir pertencente a lugar algum, Marjane vive quatro anos na Europa, experienciando o choque com a cultura ocidental e o isolamento social provocados por sua situação. Tem-se início, nessa fase de vida da autora, um aspecto da construção de sua identidade e subjetividade que difere completamente daquele experienciado em seu país natal e é, por isso mesmo, definido por essa alteridade. Em Viena, Marjane tem acesso à educação laica e à liberdade individual, que se tornam fundamentais para seu entendimento de si mesma e serão, futuramente, fatores que irão diferenciá-la dos jovens de sua geração que ficaram no Irã. Por outro lado, ela experimenta continuamente uma sensação de distanciamento e isolamento social, por saber que sua condição de estrangeira não a permitiria estar completamente integrada à cultura europeia.

Aos 18 anos, após uma desilusão amorosa que fez com que fosse parar no hospital, Marjane decide voltar ao Irã, mesmo sabendo que o preço a pagar seria sua liberdade individual, por entender que tinha que estar junto a sua família.

De volta a Teerã, ela se vê presa à crise identitária pela qual passam os imigrantes: na Europa, a consideravam iraniana demais, e, no Irã, a veem como “muito ocidentalizada”. Os capítulos “A volta” e “O esquí” exploram o estranhamento que a autora sentiu nos primeiros meses de volta à casa: o choque de ver a cidade destruída e de descobrir os desdobramentos da guerra, o distanciamento em relação aos familiares e aos amigos e, principalmente, a relutância em compartilhar suas experiências na Europa.

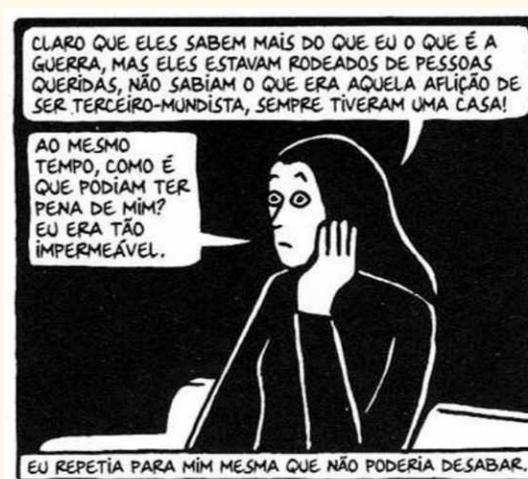
Em 2013 e 2014, *Persépolis* foi recolhido de diversas escolas nos EUA, por alegações de conteúdo e linguagem impróprios, em uma tentativa de censura a obra.

Imagem 2: Reprodução de trecho do capítulo “A volta”



Fonte: a autora

Imagem 2: Reprodução de trecho do capítulo “A volta”



Fonte: a autora

Nas imagens 2 e 3, a autora demonstra como se encontrava na situação de manter silêncio sobre as dificuldades que encontrou na Europa. Na imagem 2, a autora fala sobre a decisão de não contar à família sobre sua vida austríaca, enquanto a imagem 3 a exhibe deitada em sua cama, com os braços e pernas esticados, de forma a lembrar um caixão. Naquele momento, Marjane decidia “enterrar” sua vida na Áustria, por entender que, ao fazer isso, protegeria seus familiares. Em face daquilo que seus parentes e amigos presenciaram no Irã durante os anos em que Marjane viveu em Viena, seus problemas, suas dificuldades, pareciam diminuir em importância. Mais do que isso – para os iranianos, Marjane era privilegiada por ter tido a oportunidade de estudar em um país sem guerra, oportunidade esta que a maioria dos jovens de sua geração não tiveram. Sua escolha de se manter em silêncio não é propriamente uma escolha deliberada, visto que o silenciamento vem daquilo que ela entendia que não podia ser dito. Em outras palavras, o silêncio vem da necessidade de não fazer sofrer mais seus familiares e amigos, afetados pela guerra e pelo regime.

Sobre os múltiplos aspectos do silêncio, considera-se que: “Em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto como parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência)” (Orlandi, 1993, p. 31). Para Marjane, estar em silêncio sobre as dificuldades que viveu, sobre como seu período na Europa a impactou negativamente, é, naquele momento, uma atitude de resistência. Isso está posto ao longo do capítulo “O Esqui”, onde, além de relatar como se sentia ao retornar ao Irã, a autora justifica seu silêncio.

A autora conclui, na imagem 3, “eu repetia para mim mesma que não poderia desabar”, ou seja, seu silêncio, a custo de muito sacrifício pessoal, também era manifestação da resistência à opressão. Ao narrar, no quadrinho, toda sua história, do que podia ser dito e do que não podia, Satrapi nos dá a dimensão da resistência quando se manifesta pela linguagem e pelo silêncio.



Imagem do filme “Persépolis” (2008)

“A convocação” e “As meias” – a censura e a identidade

“A convocação” e “As meias” são capítulos de *Persépolis* que nos dão dimensão da vida dos jovens universitários em Teerã na década de 90. Marjane, estudante de artes, retorna ao ambiente acadêmico depois de estudar na Europa, e percebe que aquele é um lugar de disputa, onde há um constante conflito ideológico. De um lado, o regime impõe sua vontade na vida e na educação dos jovens, separando homens e mulheres, obrigando as mulheres a usarem o véu, controlando sua aparência, mantendo uma vigilância na forma como as aulas eram conduzidas, etc. De outro lado, os estudantes, ainda que não rompessem completamente com o regime, manifestavam sua resistência de forma discreta, por meio, principalmente, de escolhas estéticas pessoais e festas clandestinas, que não deixavam de ser consideradas violações da ordem. Havia uma disparidade entre a maneira como a população vivia e a imagem oficial do regime de como as pessoas deveriam viver, como a própria autora observa em sua convivência com os colegas de universidade.

Em “As Meias”, ela afirma: “quanto mais o tempo passava, mais eu tomava consciência do contraste entre a representação oficial do meu país e a vida real das pessoas, aquela que acontecia atrás das paredes”. É esse contraste que Satrapi tenta traduzir nesses dois capítulos da obra.

Para a AD, a “[...] a ideologia não é ‘x’, mas o mecanismo de produzir ‘x’” (Orlandi, 1996, p. 30), ou seja, existe no espaço em que se constituem sentidos (interdiscurso) e o espaço de sua formulação (intradiscurso). Ela interpreta o sentido em certa direção, naturaliza e normaliza o mundo. No caso da ideologia fundamentalista, religiosa, machista e patriarcal do regime islâmico, uma das formas de manifestação está no controle do corpo e do comportamento das mulheres.

Imagem 4: Reprodução de trecho do capítulo “A convocação”



Fonte: a autora

Satrapi descreve em sua obra algumas das maneiras pelas quais esse controle das mulheres era exercido. Ela aponta, com um tom por vezes irônico e humorístico, característico de muitas obras em quadrinhos, as contradições, os absurdos, a hipocrisia do regime, que, como vemos na imagem acima, confunde-se em si mesma. Em ambos os capítulos, a autora demonstra como o controle do regime, por mais absurdo que fosse, impactava profundamente a vida das mulheres. Em “As Meias”, por exemplo, Marjane descreve uma situação em que, enquanto ela desenhava um homem que posava como modelo para uma tarefa de aula, um guarda da universidade exigia que ela tentou exigir que ela não olhasse para ele. Em “A convocação”, as falas de Marjane em contradição ao regime (imagem 4), fazem com que ela seja convocada pela Comissão Islâmica e, ainda que, naquela situação, ela não tenha sido punida, isso demonstra como as mulheres eram vigiadas e tinham suas falas monitoradas. Esse estado de opressão, no entanto, não impedia o posicionamento contrário ao regime, por mais que nem sempre esse posicionamento significasse um rompimento total.

Imagem 5: Reprodução de trecho do capítulo “As meias”



Fonte: a autora

Na imagem acima, a autora descreve algumas das formas utilizadas pelas mulheres para manifestar resistência ao regime, que eram reprimidas. O medo é uma estratégia do regime, imposta para que a população não questionasse as decisões e imposições feitas. E nada mais eficiente do que a censura do corpo e dos costumes para impor o medo, para deixar as pessoas em alerta. A censura atinge justamente a constituição da identidade do sujeito, distorcendo e interrompendo a constituição histórica dos sentidos. O que, por outro lado, não impede que o sujeito busque outros caminhos de manifestação de sua identidade. A autora afirma que mostrar o cabelo ou usar maquiagem viraram atos de rebeldia, vistos como subversivos, já que “[...] a identidade, sempre em movimento, encontra suas formas de manifestação, não importa em que situação particular de opressão” (Orlandi, 1993, p. 121).

Considerações finais

Mais do que um registro autobiográfico, *Persépolis* é um capítulo na vida das mulheres iranianas. E ele é possível, principalmente, por um certo distanciamento de tempo e lugar na vida da autora. Como milhares de pessoas, Marjane teve que deixar o Irã novamente, e se estabeleceu na Europa, onde reside atualmente. É principalmente por viver em um contexto social que está distante do regime islâmico que a autora pode expressar sua oposição ao regime, se utilizando do humor e da ironia que encontramos no gênero quadrinho. Não apenas isso, como ela também opta por uma escrita acessível e atraente, o que faz com que sua história ganhe mais alcance. Tudo isso passa por uma formação discursiva que só foi possível porque foi permitido à autora se constituir enquanto sujeito em um contexto menos opressivo. É importante ter esse contexto em mente quando refletimos sobre o que foi posto neste trabalho.

Assim, concluímos que é possível observar, nos capítulos selecionados, diferentes formas de resistência, que se manifestam em instâncias distintas. Pelo silêncio, pela expressão pessoal, pela manifestação discreta, a luta contra opressão sempre encontra formas de se fazer presente. Além disso, a obra em si é para Satrapi uma expressão de resistência, uma forma que a autora encontrou em seu próprio contexto social de se colocar contra a repressão ditatorial que sofreu e testemunhou ■



REFERÊNCIAS

MOYA, Álvaro. **História das histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

EMPODERADOR OU IMORAL? UMA ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE O FILME POBRES CRIATURAS NAS REDES SOCIAIS



FLÁVIA MACHADO FRANCO

No começo do ano de 2024, logo após ter sido indicado ao Oscar em II categorias, estreava no Brasil o filme *Pobres Criaturas*, que conta com a direção de Yorgos Lanthimos e produção de Emma Stone, que também protagoniza a história. Com essas duas situações, o filme entrou em evidência, “caiu na boca do povo” (do povo da internet, pelo menos) e trouxe para o Brasil com mais força uma discussão que já existia desde que o filme estreou em dezembro nos Estados Unidos. Seria *Pobres Criaturas* um novo ícone feminista ou uma obra de pornografia com apologia à pedofilia?

O filme apresenta Bella Baxter, uma combinação do corpo de uma mulher adulta com o cérebro do seu bebê que ainda não havia nascido quando ela se jogou de uma ponte. Trazida à vida por um cientista, Bella é como uma espécie da criatura de Frankenstein, não é nem a mulher adulta e nem o bebê, e precisa aprender todas as coisas de novo do zero, o que acaba incluindo aprender a lidar com a sociedade. Ingênua de sua natureza, Bella parte em uma aventura para descobrir o mundo e a si mesma, frustrando os homens que querem controlar suas vontades e ações. Essa descoberta usa como um dos principais meios a sexualidade, pois é a partir dela que Bella se encontra e conhece a realidade do mundo que deseja suprimir a exploração das suas vontades. E é por conta da exploração da sexualidade neste filme que as polêmicas começaram.



A queridíssima Bella Baxter

Como praticamente toda discussão no Twitter (atualmente X), não existia, com raras exceções, espaço para nuances, e o mesmo aconteceu com o polêmico *Pobres Criaturas*. Todo tipo de acusação foi feita, incluindo acusações de misoginia (tanto por parte de quem gostou do filme quanto por parte de quem não gostou) e até mesmo de crimes. Discórdias sempre foram muito comuns na internet e, principalmente no, agora defunto, Twitter. Porém, nos últimos dois a quatro anos (precisamente tempos de pandemia e pós-pandemia, que não acabou exatamente) um certo discurso se alastrou pelas redes.

Fugindo do ideal “militante” e “empoderador” do jovem da esquerda que se destacou entre 2014 e 2019, os jovens de esquerda crescidos na pandemia passaram a atacar o que pelos outros era considerado como “feminista” e “liberdade sexual” como “machista”, “sexualizador” e até mesmo “pedófilo” em alguns casos, como foi com o filme *Pobres Criaturas*.

Das II indicações aos Oscar, *Pobres Criaturas* venceu em quatro categorias: Melhor atriz, Melhor design de produção, Melhor maquiagem e penteados e Melhor figurino

É claro que se pode dizer que é generalizador colocar todo adolescente e jovem adulto dentro da caixa de “puritano”, e também não seria verdade. No entanto, é inegável o crescimento de jovens, os quais se consideram de esquerda ou não, extremamente moralistas e com um comportamento que muitos designam como “medo de sexo”. É interessante que a liberdade sexual nos proporciona a possibilidade de dizer “não” e de não consumir conteúdos sexuais se não for do nosso interesse, assim como o contrário, mas o que faz muitos associarem essa liberdade com a noção de que tudo que é sexual deve ser evitado? Escondido? Falado apenas em ambientes reservados? Isso quando toda e qualquer expressão sexual não é desqualificada, mesmo aquela que fica nas sombras. O que aconteceu para que esses jovens, mesmo os que fazem parte de comunidades subversivas como a *queer*, criminalizarem a expressão sexual?

Considerando estas oposições dentro de uma formação discursiva (FD) de esquerda/feminista, percebo duas posições-sujeito (PS) distintas: uma que considera o filme *Pobres Criaturas* como o suprassumo do feminismo e do empoderamento, e outra que considera o filme criminoso e misógino. Decidi escrever este texto fazendo a análise, seguindo as noções da Análise do Discurso Materialista, de comentários destas PS na finada rede social Twitter (ou X) e na plataforma Letterboxd, um site para resenhas de filmes. Para esta análise, chamarei as duas diferentes posições-sujeito como “empoderadora” e “fiscalizadora”.

Para começar, vamos ler os comentários identificados com a PS fiscalizadora apresentados abaixo:

SD1 – O que mais me pegou foi a sexualização de uma criança no corpo de uma mulher. Que beira um abuso de incapaz, que por mais que não aconteceu nada, a vontade dos homens estava ali. / Além de que uma vez que ela perde a infantilidade e cria independência que o personagem no Mark Ruffalo prometeu pra ela, ele perde o interesse. (Comentário feito no Twitter/X)

SD2 – nojento e perturbador. ela tem o cérebro de uma criança, e metade do filme é ela “se descobrindo” se comunicando e agindo como a porra de uma criança. não tem como ver empoderamento ou qualquer outra mensagem que dizem que esse filme tem sem excluir cenas que um pedófilo facilmente poderia se interessar. não compensa nada, mas o final é minimamente interessante, poderiam ter focado mais nisso ao invés cenas de sexo em 80% do filme. (Comentário feito na plataforma Letterboxd)

SD3 – emma como sempre uma ótima atriz, o filme em si começou muito interessante, mas se perdeu depois de minutos, pornô@fia exagerada, e a bella (personagem da emma) tinha cérebro de criança, o que me faz pensar no porque as pessoas gostaram tanto disso se as 2h de filme foram resumidas nessas cenas explícitas com uma menina considerada “pura”. / poor things prometeu demais, e se tivesse levado a narração para esse lado mais científico e do passado da personagem principal, talvez merecesse mais. (Comentário feito na plataforma Letterboxd)



Bella Baxter (Emma Stone) e Duncan Wedderburn (Mark Ruffalo)

O comentário SD1 é bastante interessante, considerando que alguns pontos trazidos pelo usuário do Twitter/X parecem ser a crítica que a obra traz, porém, o usuário diz que foi aquilo que o incomodou enquanto assistia. Sim, o personagem interpretado pelo ator Mark Ruffalo perde o interesse em Bella e até mesmo chega a odiá-la depois que a personagem cria independência e segue sua própria vontade, coisa que ela sempre fez, mas agora não seguindo

a vontade dele. Sim, os homens tentam impor sua vontade à personagem várias vezes durante o filme. Mas não é sobre isso a história? Um filme não pode apresentar comportamentos desse tipo? Mesmo quando a crítica a eles é tão evidente?

Já os comentários SD2 e SD3 são mais acusatórios, utilizando do argumento do “cérebro de criança” da personagem, os dois usuários do Letterboxd questionam a moralidade daqueles que gostaram do filme e declaram o filme como “pornográfico” e “pedófilo”. Esses comentários seguem a linha do que foi tratado em dos parágrafos da introdução deste texto, o qual atualmente tem sido comum, principalmente entre jovens usuários de redes sociais. Aparentemente, há um grande desconforto entre eles com cenas de sexo em obras audiovisuais, questionam sua “necessidade” e algumas vezes, como no caso de *Pobres Criaturas*, taxam como “pornográfico”. Sim, há uma grande quantidade de cenas sexuais no filme, mas não é por meio delas que Bella faz seus caminhos de descobertas? Não é por elas que a história é contada? E se não fosse, toda cena em um filme está lá por “necessidade”, por ser “útil à história”? Sendo assim, qual a utilidade de um filme?

Partindo para a outra posição, agora vamos ler os comentários da PS empoderadora:

SD4 – *Pobres Criaturas* é um filme q coloca a liberdade intuitiva e ingênua de Bella, em choque direto e profundo com a sociedade patriarcal, e misógina. Um deleite de atuações, arte e fotografia. Filmaço! Quem já viu? (Comentário feito no Twitter/X)

SD5 – Podem me chamar de exagerado, mas *POBRES CRIATURAS* é um dos melhores filmes dos últimos tempos. Aborda com criatividade sensacional toda a questão patriarcal da sociedade, a evolução do ser humano e a importância do empoderamento feminino. (Comentário feito no Twitter/X)

SD6 – Brilhante, Provocativo e Visceral. *Pobres Criaturas* é o tipo de filme que mostra a arte da forma mais crua, sem ressentimentos com tabus de qualquer tipo, desde a antropologia que é escancarada e que pra mim é o alívio cômico, o sexo é caricato e essencial para a personagem mas muitas vezes é desconfortável, etc. / No geral é uma jornada do descobrimento com uma mistura de Barbie com Frankenstein. / Ele é belo em tudo, atuações de todos está perfeita mas a Emma Stone DESTROÍ, seja na fala, andar, olhar, tanto que ganhou o Oscar mais uma vez. A trilha sonora é genial, tem uns arranjos desafinados de propósito mas não soa estranho porque faz todo sentido para a proposta do filme.

Os lugares são belíssimos, figurino, tudo aqui é milimetricamente calculado pra te impactar e tem uma mensagem forte sobre o quão o homem quer controlar as mulheres, do nascimento até a morte. (Comentário feito na plataforma Letterboxd)



Bella (a frente) e Duncan (ao fundo)

Os comentários SD4 e SD5 colocam o filme nesse patamar de um dos grandes filmes de nosso tempo, frisando suas qualidades técnicas e sem colocar nenhum “porém” (ao contrário dos comentários SD2 e SD3 que apontam que o filme é até interessante e poderia ser melhor se não fossem os seus próprios poréns. Ressalva que é materializada pela língua pelo uso de conjunções adversativas).

Enquanto isso, o comentário SD6 traz um ponto interessante, ao mesmo tempo que enaltece o filme da mesma forma que os outros comentários da PS empoderadora e faz seus elogios à utilização do sexo no filme, ele diz “[...] mas muitas vezes é desconfortável, etc.”. O que acaba saindo da mesma trilha que sua PS, materializando a heterogeneidade que faz parte não só da FD, mas que também está presente no âmbito da posição

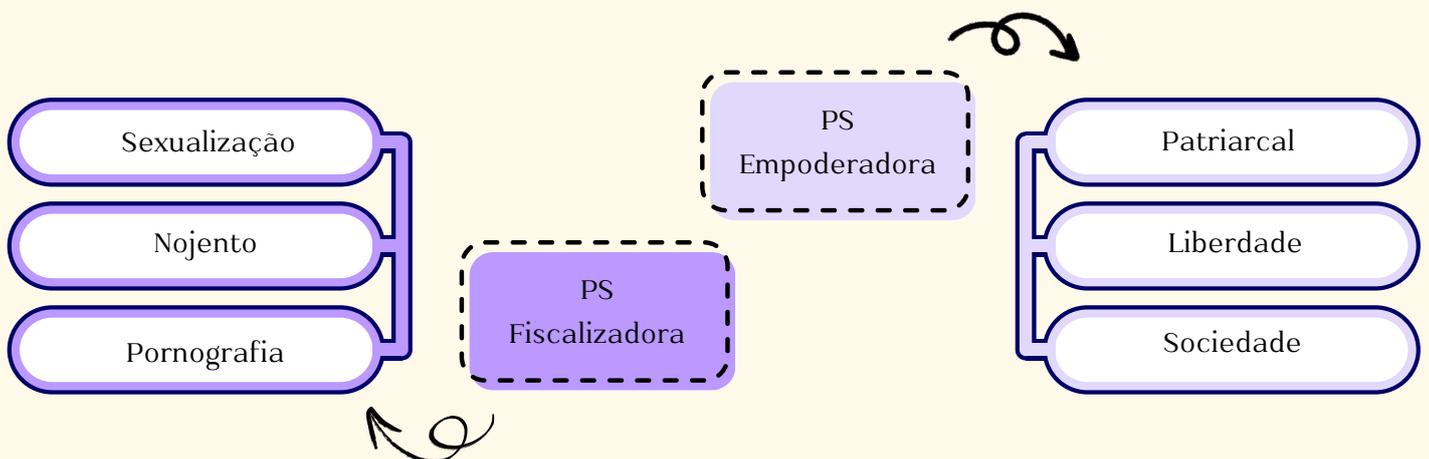
sujeito. No entanto, não se iguala de forma alguma à PS fiscalizadora. E esta parece ser a grande questão.

Sim, várias cenas de sexo do filme *Pobres Criaturas* são desconfortáveis, a personagem Bella não sabe sobre muitas coisas e, apesar de agir sobre sua própria vontade, não sabe sobre consentimento e pode facilmente ser enganada por aquele que parece querer as mesmas coisas que ela, que parece entendê-la. Mas não é o objetivo da obra ser desconfortável? Provocar desconforto em quem o assiste para que reflita sobre? Retomando minha pergunta anterior, não é essa uma das críticas do filme?

Podemos perceber que os comentários das duas PSs se contrapõem, estando em extremos opostos da FD feminista. A PS fiscalizadora se preocupa com a utilização da sexualidade feminina e seus possíveis efeitos negativos chegando ao ponto de insinuar que aqueles que gostam do filme possam ter tendências “pedófilas” ou “sexualizadoras”. Enquanto a PS empoderadora aprecia como a personagem fez suas descobertas, incluindo sua sexualidade, de forma quase sem espaço para críticas e questionamentos sobre a maneira com que a protagonista passa por sua trajetória.

Percebemos, então, não apenas com *Pobres Criaturas*, que há uma grande dicotomia em andamento entre os comentários sobre filmes e outras obras fictícias. Ou se ama ou se odeia, ou é extremamente criticável ou nenhuma crítica pode ser feita. Seguindo esta lógica disjuntiva, há apenas duas opções para o público de *Pobres Criaturas*: gostar e ser imoral ou não gostar e ser puritano, sem espaços para outras opções; não é mais possível dizer que

Termos utilizados pelas posições sujeitos em seus discursos



achou o filme chato ou apenas legal. Outro problema parece ser com a ideia de “público alvo”, porque nem todas as obras foram destinadas para todos nós, no entanto os comentários analisados permitem a percepção de que existe uma visível dificuldade em compreender essa informação.

Não é raro encontrar comentários nas redes sociais dizendo que esse é um problema de “falta de interpretação de texto” e logo depois jogando a questão para os professores de português, mas isso implicaria que só existisse uma única interpretação possível sobre cada obra e que as pessoas precisam, obrigatoriamente, ser levadas a ela. Sendo que, na verdade, isso apenas reforçaria o ponto da lógica disjuntiva.

Este texto não se propõe a solucionar esta questão, apenas analisa o discurso de dois extremos do público do filme *Pobres Criaturas*. Sendo assim, concluo o texto dizendo que sim, as pessoas têm direito a se sentir desconfortáveis com cenas de obras fictícias e sim, as obras têm direito de retratar cenas desconfortáveis, uma coisa não anula a outra, o mundo não é tão simples ■

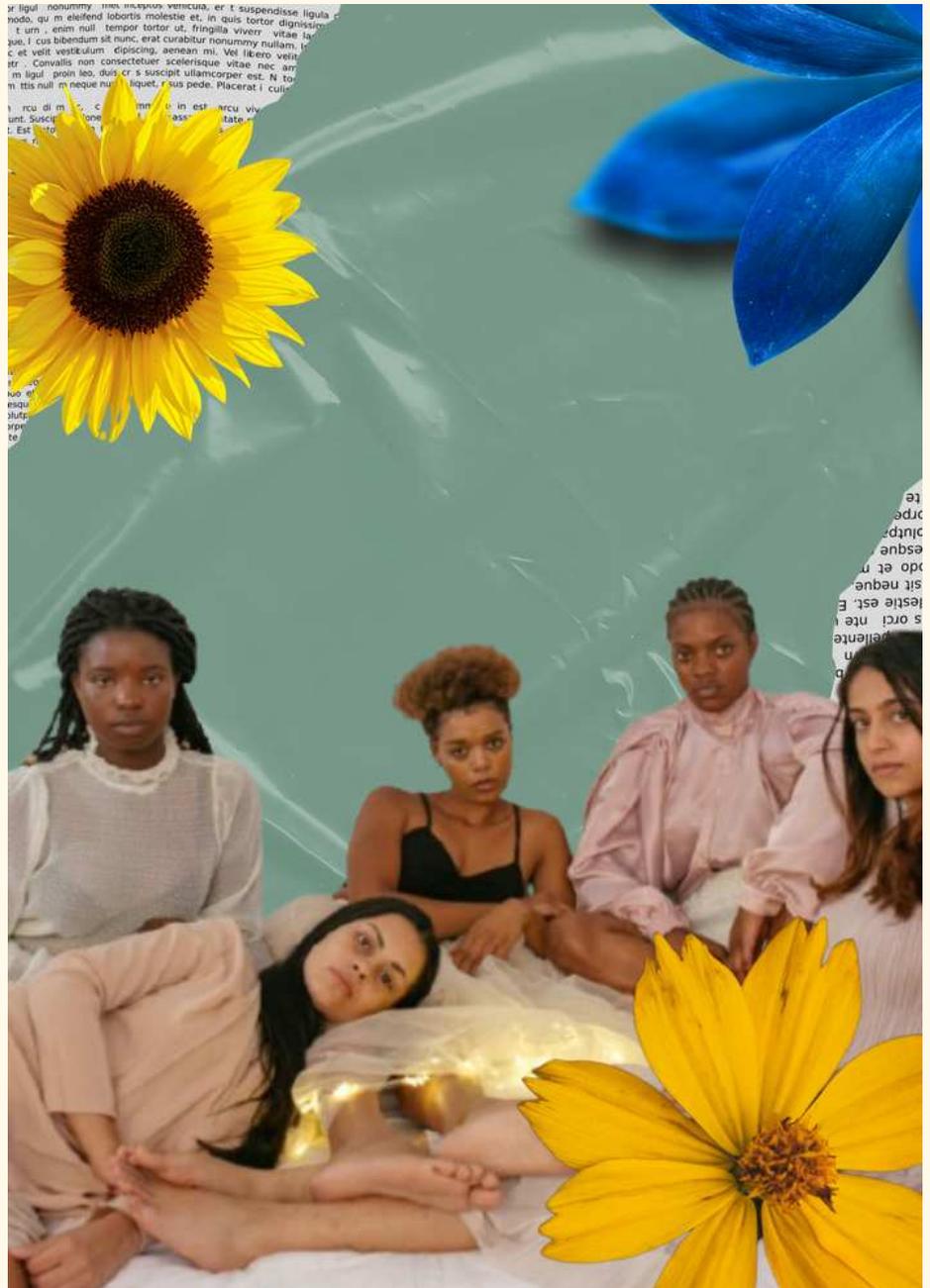


Além de *Pobres Criaturas*, Emma Stone trabalhou com o diretor Yorgos Lanthimos nos filmes “A favorita” (2018) e “Tipos de gentileza” (2024)

REFERÊNCIAS

POBRES Criaturas. Direção de Yorgos Lanthimos. Produção de Emma Stone. Los Angeles: Searchlight Pictures, 2023. Streaming.

JÉSSICA VITÓRIA PINTO ROBLEDO



UMA ANÁLISE DOS PADRÕES POTENCIALIZADOS ATRAVÉS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



Introdução



Quando pensamos em propagandas de cosméticos/produtos de higiene surgem em nossa mente marcas vistas no dia a dia, exemplo, *Boca Rosa*, *Oceani*, *Principia*, *Seda*, *Dove*, e dentre outras, produzidas na era midiática e transmitidas por canais de TV, ou até mesmo nas redes sociais. Historicamente as propagandas foram criadas com o intuito principal de influenciar o consumidor a comprar algo, ou, até mesmo a acreditar que precisa ter aquele produto. Desde de 1917, as propagandas são usadas como uma estratégia de *marketing* para reforçar a cultura de domínio da ideologia capitalista.

Na atualidade, as grandes empresas investem cada vez mais na elaboração de propagandas. Porém, um dos recursos que está sendo utilizado é a inteligência artificial (IA) para o processo de construção de propagandas, uma das marcas que ganhou um grande destaque por ser contra o uso de IA foi a **Dove** criando uma campanha nas redes sociais “Pela beleza sem padrão”. Com isso, foram selecionados no Instagram da marca, *Dovebrasil*, vídeos de propagandas, possibilitando analisar os discursos presentes em duas propagandas escolhidas previamente.

O aumento dos procedimentos estéticos e influências

No ano de dois mil e vinte, período pandêmico, o número de buscas por procedimentos estéticos cresceu exacerbadamente, devido ao período de isolamento social que ocorreu por mais de um ano. Nesse tempo, foi possível que inúmeros brasileiros tivessem um acesso mais facilitado às cirurgias estéticas, e conseguiram até mesmo realizar pós-operatório sem precisar pedir uma licença do âmbito acadêmico, ou do serviço público, por estar sendo possível ter educação a distância (EaD) e trabalhar em *home office*. Os procedimentos aumentaram mais de dez por cento somente em dois mil e vinte, e ganham potência cada vez mais. Os mais procurados, atualmente, são: rinoplastia, botox, e até mesmo peeling. Alguns procedimentos estéticos podem trazer grandes riscos à saúde, ou até mesmo podem ocasionar uma morte precoce.

Sabemos que vivemos em uma sociedade cuja ideologia dominante é a capitalista, desse modo, vendem o discurso de que basta ter dinheiro que é possível ter um corpo “perfeito” para que homens e mulheres encaixem-se nos grupos sociais, que, muitas vezes, traz falsos discursos de perfeição remetendo a um padrão idealizado, que afeta no psicológico de algumas pessoas, acreditando que precisam realizar cirurgias para sentir-se bem consigo mesmos. Muitos homens e mulheres são interpelados pelo que veem e ouvem. Desde cedo, nós, os sujeitos sociais, estamos inseridos em uma sociedade que possui padrões de beleza determinados historicamente. A camada social em que vivemos afeta a maneira que nos vemos diante de nós mesmos, muitas vezes, grupos de amigos seguem o mesmo padrão de procedimentos, ou até a mesma maneira de se vestir.

As mulheres são mais afetadas por esse estigma de ter que se portar de determinadas maneiras, como, por exemplo, a pele não pode possuir manchas e precisam ter uma cintura fina. Uma opressão que está sendo vista há muitos séculos, o número de mulheres que sentem-se mal em relação à própria aparência vem crescendo gradualmente.

Os acessos às redes sociais, Instagram, Facebook, e Tiktok (ferramentas mais utilizadas pelos jovens e adultos atualmente), tornou-se uma fonte de comparações e de bombardeamentos digitais. Muitos *influencers* começaram a trabalhar com propaganda de produtos de beleza que trazem uma falsa ilusão de efeito, ou até mesmo construíram uma marca própria. Um dos que mais influenciam é a rede social Instagram, por conter fotos nos stories e no feed com os chamados “efeitos”, que mostram um padrão de beleza irreal, ou seja, padrões que jamais existiram realmente, uma vida perfeita, o que só traz frustrações.



Seleção das propagandas

A **Dove** é uma marca conhecida internacionalmente, e chegou ao Brasil no ano de mil novecentos e noventa e nove. A campanha “beleza real”, faz parte de uma pesquisa realizada com três mil mulheres de diferentes países, mostrando que o número de mulheres que reconhecem a sua beleza é baixo, pois muitas acreditam ter uma beleza abaixo do padrão imposto.

A marca também criou uma campanha há mais de quinze anos que chama-se: “Eu, de verdade: uma campanha pela confiança corporal, ajudando a desenvolver a autoestima dos jovens e adultos que utilizam os produtos”.

Nos últimos anos, a inteligência artificial (IA) começou a ser utilizada em vários âmbitos, e não seria diferente nas áreas publicitárias, as propagandas começaram a utilizar essa inteligência para as edições de vídeos e propagandas. O diferencial das propagandas da Dove é o compromisso em disponibilizar a responsabilidade de mostrar corpos reais, sem estigmas dos padrões estéticos impostos.



1 em cada 2 meninas e mulheres brasileiras se sentem pressionadas a alterar sua aparência por conta dos conteúdos que veem nas redes...

Análise da propaganda 1

A primeira propaganda que analisamos diz:

Até 2025, 90% dos conteúdos on-line serão como esses gerados por inteligência artificial. 1 em cada 2 meninas se

sentem pressionadas em alterar a sua aparência por conta dos conteúdos da internet, mesmo que saibam que se trata de imagens manipuladas. Dove se compromete em nunca utilizar a inteligência artificial para criar ou distorcer as imagens das mulheres.

#Pela beleza sem padrão

A propaganda da **Dove** denuncia que, cada vez mais, as empresas de publicidade estão usando a inteligência artificial e expõem propagandas que possuem uma série de edições realizadas pela inteligência artificial (IA). Vale ressaltar a importância de lembrar-se de todas as pressões que as mulheres sofreram durante os séculos permanecem, ou até, mesmo encontram-se maiores nos dias atuais devido ao crescimento rápido da era digital. Segundo Michel Pêcheux, o social e histórico são indissociáveis, ou seja, impossibilita-se analisar as propagandas sem pensar que as mulheres ainda sofrem, porque a sociedade continua ligada ao processo histórico do “papel da mulher na sociedade”, enfatizado na obra: *Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Os

discursos das propagandas que utilizam “efeitos” retratam a pressão estética ainda presentes na sociedade, olhar para os processos sócio-históricos faz com que ocorra uma compreensão sobre a luta das mulheres, por mais que tenha a opacidade presente, que tenta apagar uma parte da peleja contra a desconstrução desses padrões nos séculos passados e no atual. As duas mulheres criadas pela IA possuem formatos de corpos semelhantes, são magras, de cabelos longos, não possuem muito busto, com uma pele lisa e sem poros. O discurso que promove as propagandas de beleza transmite na maioria das vezes um discurso voltado às mulheres potencializando os padrões já

estabelecidos. As propagandas que aparecem na utilização dessa inteligência vão na contramão das estratégias mais usadas na atualidade, a tática da Dove é fomentar sobre a beleza real em relação à artificial, expondo uma desconstrução mostrando mulheres reais e sem filtros, evidenciando que não existem mulheres perfeitas, somente padrões criados em nosso imaginário como perfeitos. Na mesma criação

publicitária traz moças mostrando que é possível construir uma propaganda sem efeitos do IA, com um corpo real.

Análise da propaganda 2

A segunda propaganda que analisamos diz:



1 em cada 2 meninas e mulheres brasileiras se sentem pressionadas a alterar sua aparência por conta dos conteúdos que veem nas redes...

Como Dove vem documentando, o sujeito que criou as propagandas têm objetivo de produzir certos efeitos conforme o público que se deseja atingir, todas as publicidades são criadas com o objetivo de alcançar um público-alvo. Nela é possível ver um enunciado que responde sobre o uso da inteligência artificial (IA) como uma forma de resistência ao que é imposto. As ideologias constituem o sujeito-social, por isso todos os discursos sempre possuem uma ideia central, mesmo que implicitamente. A campanha acima tem como intuito desfazer essa ideologia de ser necessário usar filtros para as mulheres serem aceitas, ou bem vistas.

Já se perguntou por que as imagens de mulheres geradas pela inteligência artificial parecem tão irreais? Por anos, as fotos que vimos estampar outdoors, sites e revistas eram editadas e manipuladas ao extremo, criando um padrão de beleza inatingível para as mulheres e adivinha? A inteligência artificial está aprendendo com isso.

A tecnologia se baseia em imagens que já existem, sendo que muitas delas já foram alteradas para tentar enquadrar as mulheres em um único padrão. Mas há vinte anos, Dove vem documentando a beleza em todas as suas formas. Tornando-a mais real e diversa até para a inteligência artificial. Que tipo de beleza queremos para o futuro?

*Dove se compromete em nunca utilizar a inteligência artificial para criar ou distorcer as imagens das mulheres.
#Pela beleza sem padrão*

Os efeitos de sentidos produzidos na propaganda comprovam que a inteligência artificial está presente diretamente nas mídias, já faz parte do dia a dia, produzindo um efeito de normalização, que influencia nas comparações de

Há mais de dez anos foi criado o projeto *Dove beleza real*, porque após a realização de uma pesquisa somente dois por cento das mulheres sentiam-se bonitas. O principal intuito do projeto foi resgatar a autoestima das mulheres, trazendo uma beleza real.

Considerações finais

Por intermédio dessa experiência de análise das publicidades, foi possível compreender que o processo discursivo usados nas propagandas midiáticas, como sendo de extrema importância para compreendermos as intenções dos criadores que transmitem um discurso através das mídias. A partir disso tornou-se indispensável olharmos, atentamente, para as propagandas que aparecem na *timeline* pensando que todos os conteúdos que estão diante de, nós, usuários das mídias, ou redes sociais, são produtos usados para nos influenciar. Além disso, somos influenciados pela cultura e ideologias que fazem parte do cenário em que vivemos. Também vale destacar que o social e o discurso andam em uma via de mão única, que seria impossível realizá-la sem olhar o cunho histórico ■

REFERÊNCIAS

DOVE. **O futuro não está tão longe o quanto você imagina.**

Campinas. Abril de 2024:

https://www.instagram.com/reel/C51aN_xPVV_/

DOVE. **Por que as mulheres nas imagens geradas pela Inteligência Artificial parecem tão... irreais?.** São Paulo.

Abril de 2024:

<https://www.instagram.com/reel/C5ogeFPv6j3/>

PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso.** São Paulo: Editora Fontes, 2011.

FERREIRA, Maria Cristina. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso.** Rio Grande do Sul: Editora Universitária, 2000.

DOVE. **Compromisso Dove pela beleza real.** Campinas:

Dove Brasil, 2024 ;

[https://www.instagram.com/reel/C51aN_xPVV_/?](https://www.instagram.com/reel/C51aN_xPVV_/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==)

[utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/reel/C51aN_xPVV_/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==)



A Dove surgiu nos Estados Unidos pós-Segunda Guerra Mundial. O primeiro produto da marca foi a “barra de beleza”, um sabonete que prometia não agredir e ressecar a pele, como a maioria dos produtos da época.



O USO DO “DEMONSTRATIVO POLÊMICO”: POR QUE (NÃO) SE PODE USAR “O MESMO” COMO ANÁFORA?



ELAINE MADRUGA PAIVA



Introdução

No português brasileiro (PB), o uso anafórico de "mesmo" tem gerado debates tanto entre gramáticos quanto entre estudiosos da linguística. Embora as gramáticas normativas geralmente rejeitem esse uso, ele tem ganhado espaço na escrita formal, especialmente em textos acadêmicos e jurídicos. Este artigo busca compreender as razões que sustentam a rejeição ao uso anafórico de "mesmo" e como essa postura se manifesta no contexto brasileiro. Além disso, busca-se explorar se essa restrição também ocorre no português europeu (PE), realizando uma análise comparativa entre os dois sistemas linguísticos. A pesquisa que embasa este estudo parte da seguinte questão: por que o uso de "mesmo" como anáfora é tão polêmico no português brasileiro e por que ele é amplamente rejeitado pelos manuais normativos?

A Polêmica em Torno de "Mesmo"

A rejeição ao uso de "mesmo" como pronome anafórico é amplamente documentada em gramáticas e dicionários do português brasileiro (PB). Gramáticos como Bagno (2011) e Cegalla (2012) criticam essa prática e sugerem o uso de pronomes como "ele" ou "ela" em seu lugar. Bechara (2009), por sua vez, menciona que "alguns estudiosos, por mera escolha pessoal, têm-se insurgido contra o emprego anafórico do demonstrativo 'mesmo', substantivado pelo artigo, para referir-se a uma palavra ou declaração anterior", ressaltando que essas críticas muitas vezes carecem de fundamentação sólida.

Apesar dessa condenação gramatical, a utilização anafórica de "mesmo" continua presente, especialmente em textos formais. Bechara (2009) ilustra essa controvérsia ao apresentar casos como:



Nota da autora: Agradeço ao professor Adriano de Souza, expresso minha mais profunda gratidão pela orientação atenta e dedicada ao longo deste trabalho. Seus valiosos ensinamentos e seu compromisso com a pesquisa foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Agradeço pela paciência, incentivo e pelos direcionamentos que, sem dúvida, enriqueceram este estudo e ampliaram meus horizontes intelectuais.

(1) "Apareceu um relatório contra os mesmos e contra outros", que os críticos preferem reformular para "Apareceu um relatório contra eles e contra outros".

Embora essa substituição seja frequentemente sugerida, Bechara destaca a falta de uma justificativa normativa clara por parte dos opositores mais conservadores.

Cegalla (2012, p. 255) também condena o uso de "mesmo" como substituto de um pronome pessoal, desaconselhando construções como:

(2) "Não suportando mais a dor, procurei o dentista, mas o mesmo tinha viajado", sugerindo que o ideal seria "mas ele tinha viajado".

Ele argumenta que o uso de "mesmo" em lugar de pronomes pessoais compromete a clareza e a elegância do texto. Outros exemplos condenados por Cegalla (2012) incluem a substituição de "as mesmas" por "elas" e "os mesmos" por "eles". O autor ilustra sua recomendação com exemplos como a frase:

(3) "O pescador salvou o naufrago e ainda lhe ofereceu a sua cabana", que, segundo ele, seria preferível a "ofereceu ao mesmo a cabana"

Exemplos desse fenômeno são cada vez mais frequentes em textos formais, como os trazidos por Bagno (2020)*. Ele cita casos como:

(4) "Não bata o portão: o mesmo se fecha automaticamente", que poderia ser reescrito como "Não bata o portão: ele se fecha automaticamente."

(5) "Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado no andar", cuja forma recomendada seria "Antes de entrar no elevador, verifique se ele está parado no andar."

Exemplo do livro de Marcos Bagno (2020), *Falsas elegâncias - como evitar a hipercorreção na escrita formal*.



Esses exemplos ilustram a tensão entre o uso corrente da anáfora com "mesmo" e as recomendações normativas dos gramáticos, que preferem o uso de pronomes mais tradicionais, como "ele" ou "ela".

Diversos estudiosos do PB, como Pereira (2013), investigam o fenômeno do uso de "mesmo" como um "demonstrativo polêmico". Trata-se de uma anáfora contestada pela tradição normativa, mas muito presente na escrita acadêmica e jurídica. De acordo com Pereira (2013), o uso de "mesmo" como substituto pronominal reflete uma escolha estilística que, embora rejeitada pelos normativistas, se mantém forte na prática linguística formal. Esta persistência indica que a proibição normativa não foi completamente assimilada pelos usuários da língua, sugerindo uma desconexão entre a norma e o uso efetivo da língua.

A tradição normativa do PB, como exemplificada por Cunha e Cintra (2007), sustenta que pronomes como "ele" e "ela" são mais adequados para a retomada anafórica. A substituição por "mesmo" é vista como hipercorreção, uma tentativa de adotar um registro mais formal que, segundo Bagno (2011), surge da insegurança linguística. Bagno (2011) recomenda que o uso de "ele" seja preferido em tais contextos. Entretanto, essa visão conservadora não reflete a realidade dinâmica da língua contemporânea, onde o uso de "mesmo" como anáfora está cada vez mais disseminado.

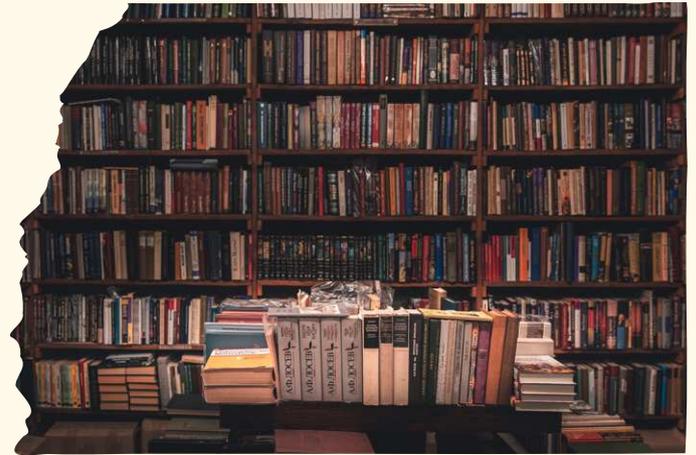
Justificativa da pesquisa

A justificativa para pesquisar o uso de "mesmo" como anáfora se baseia em uma lacuna significativa na literatura gramatical. A maioria dos gramáticos critica essa construção, mas não oferecem justificativas detalhadas para tal condenação. Além disso, o fenômeno é pouco discutido em termos comparativos, o que justifica a necessidade de uma análise aprofundada, especialmente em relação ao português europeu. Pereira (2013) apresenta o pronome 'mesmo' como um 'demonstrativo polêmico', em virtude de sua ampla rejeição pela tradição gramatical, apesar de ser amplamente utilizado no português brasileiro.

A autora, ao analisar diversas gramáticas, como as de Sacconi, Almeida, Bagno e Bechara, e dicionários como o Aurélio e o Priberam, aponta que, embora muitos gramáticos critiquem severamente o uso do 'mesmo' como pronome anafórico. Pereira (2013) ressalta ainda que o Dicionário Priberam, referência do português europeu, adota uma postura diferente, não apresentando oposições para o uso desse 'demonstrativo polêmico'. O Priberam define 'mesmo' como um pronome demonstrativo, com a acepção de 'coisa ou pessoa que já foi mencionada anteriormente (ex.: eu fiz a tarefa, mas a mesma não ficou perfeita)'. Isso

sugere que, no contexto do português europeu, essa construção possa ser mais aceita, embora o foco da presente pesquisa não se estenda à análise desse uso no PE."

Conforme observado por Pereira (2013) e Leão (2020), o uso de "mesmo" em contextos formais como anáfora é cada vez mais aceito na prática, particularmente em textos jurídicos e acadêmicos. Essa aceitação levanta questões sobre a legitimidade das regras normativas e sobre o papel da tradição gramatical na regulamentação do uso da língua. Se, na prática, os falantes e escritores optam pelo uso de "mesmo", seria necessário revisar as normas gramaticais que proíbem essa construção?



Outro ponto crucial é a ausência de uma análise sistemática sobre se a proibição do uso anafórico de 'mesmo' também se verifica no português europeu. O estudo das normas gramaticais do português europeu pode esclarecer como essas regras diferem das do português brasileiro, e se essas distinções impactam o uso desse tipo de anáfora. A comparação entre o português brasileiro e o português europeu permitirá avaliar se essa controvérsia é restrita ao Brasil ou se também está presente em outros contextos da língua portuguesa.

Metodologia

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, tem como foco central a análise do uso anafórico do demonstrativo "mesmo" e a polêmica em torno de sua rejeição normativa no português brasileiro. Conforme Günther (2006), a abordagem qualitativa destaca a compreensão das relações complexas e subjetivas da realidade, permitindo uma análise aprofundada das normas gramaticais e suas implicações no uso da língua.

O método adotado é a pesquisa bibliográfica, baseada na definição de Severino (2007), que a caracteriza como a



investigação a partir de registros disponíveis em livros, artigos, teses e outras publicações. A revisão de literatura incluirá gramáticas normativas e descritivas, como as de Cunha e Cintra (2007), Bechara (2009) e Cegalla (2012), além de estudos contemporâneos, como os de Pereira (2013) e Leão (2020), com o objetivo de compreender o tratamento dado ao uso de "mesmo" como anáfora.

Por meio de uma abordagem comparativa entre o português brasileiro e o português europeu, a pesquisa buscará identificar diferenças nas normas gramaticais e suas repercussões no uso desse pronome. Para tanto, serão consultados repositórios acadêmicos brasileiros e portugueses, a fim de testar a hipótese de que a rejeição normativa ao uso anafórico de "mesmo" é mais acentuada no português brasileiro.



Resultados Esperados

Espera-se que a análise revele que a rejeição ao uso de "mesmo" como anáfora no PB esteja profundamente enraizada em tradições normativas que valorizam a simplicidade pronominal. No entanto, os dados preliminares sugerem que o uso desse demonstrativo tem sido amplamente aceito em contextos formais, como a escrita jurídica e acadêmica, indicando que a norma gramatical pode estar em processo de mudança.

No português europeu, a expectativa é de que o uso de "mesmo" como anáfora seja menos polêmico ou, pelo menos, menos criticado pelas gramáticas normativas. Se essa hipótese se confirmar, ela revelará que a rejeição ao uso de "mesmo" no PB pode estar ligada a processos de hipercorreção ou a uma visão mais conservadora das normas gramaticais no Brasil.

Conclusão

A investigação sobre o uso anafórico de "mesmo" no PB revela uma tensão entre a norma gramatical e a prática linguística. Embora as gramáticas tradicionais rejeitem esse uso, a realidade é que ele está amplamente presente em contextos formais, sugerindo que a norma está sendo desafiada pelos próprios falantes da língua. A análise comparativa entre PB e PE trará uma compreensão mais clara sobre as diferenças normativas e ajudará a determinar se essa

polêmica é um fenômeno exclusivamente brasileiro.

No final, o estudo contribuirá para uma melhor compreensão das normas gramaticais e do seu papel na regulação do uso da língua, questionando se a tradição normativa deve ou não acompanhar as mudanças na prática linguística. Se o uso de "mesmo" continuar a se consolidar na escrita formal, poderá ser necessária uma revisão das regras gramaticais que condenam esse fenômeno ■



REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAGNO, Marcos. **Falsas Elegâncias: como evitar a hipercorreção na escrita formal**. 1. ed. São Paulo: PARÁBOLA EDITORIAL, 2020.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**: rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário de dificuldades de língua portuguesa, 1920- 3.ed.**,recurso digital - Rio de Janeiro , Lexikon, 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?**. 2. ed. Brasília: Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2006. 201-210 p. v. 22.

LEÃO, W. C. de A. **O uso do anafórico 'o mesmo' e variações: uma análise nas petições iniciais dos estagiários de Direito, da Defensoria Pública da União, em Teresina**. Form@re. Revista do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, Universidade Federal do Piauí, v. 8, n. 2, p. 133 – 147, jan-jul 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/parfor/article/view/11078>. Acesso em: 23/04/2024.

PEREIRA, Ivelá. **Mesmo: a funcionalidade de um item linguístico camaleônico**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SACCONI, Luiz Antonio. **Novíssima Gramática Ilustrada Sacconi: DE ACORDO COM A NOVA ORTOGRAFIA**. 24. ed. São Paulo: Editora Nova Geração, 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

MEMÓRIA E IDENTIDADE ANGOLANA EM *UM RIO PRESO NAS MÃOS*, DE ANA PAULA TAVARES



ALINE BATISTA NUNES
EDUARDA MACHADO SEVERO
RYAN DOURADO RODRIGUES





A literatura ao longo do tempo desempenhou um papel imprescindível na preservação da memória e na construção da identidade de diferentes povos, especialmente em contextos coloniais e pós-coloniais. Dessa maneira, é fundamental que estudantes e leitores brasileiros conheçam as literaturas africanas de Língua Portuguesa, uma vez que elas permitem conhecer a diversidade cultural e o legado histórico desses povos que também fazem parte da nossa herança comum.

A obra *Um rio preso nas mãos* (2019), da escritora Ana Paula Tavares, publicada no Brasil, é um exemplo eloquente de como a literatura pode ser um instrumento de resistência, recuperação de memórias e afirmação de identidades culturais. O presente texto é resultado de estudos realizados no projeto de pesquisa “Autores africanos/leitores da produção literária brasileira: Relações, influência e implicações na criação artística”, desenvolvido na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé, orientado pela Profa. Dra. Miriam Denise Kelm, do curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, entre os anos de 2021 e 2023.

O projeto tinha como objetivo identificar semelhanças e diferenças entre textos e autores brasileiros e africanos a partir da análise de como a literatura brasileira, especialmente de alguns autores contemporâneos, têm influenciado a produção literária de nações africanas como Angola, Moçambique e Cabo Verde. Diante disso, buscamos apresentar como Tavares utiliza sua escrita para resgatar e preservar as memórias de Angola e consolidar a identidade angolana no contexto pós-guerra civil, que teve início em 1975, ainda durante o processo de independência, e chegou ao fim somente em 2002.

A autora, oriunda da cidade de Lubango, Província de Huíla, em Angola, nasceu em 1952. Ela é licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, fez mestrado em Literaturas Africanas e doutorado em Antropologia na Universidade Nova de Lisboa. Atualmente reside em Portugal e leciona na Universidade Católica Portuguesa.



Ana Paula Tavares
Autora de *Um rio preso nas mãos*

Na escrita de Ana Paula Tavares, há um resgate de valores e tradições silenciados pelo discurso imperialista, possibilitando um espaço para que as comunidades marginalizadas possam ser ouvidas e suas culturas possam ser valorizadas. Desse modo, em *Um Rio Preso nas Mãos*, inicialmente publicado de forma esparsa no jornal on-line Rede Angola, as 38 crônicas foram reunidas em uma coletânea lançada no Brasil, em 2019, pela editora Kapulana.

Antes de serem reunidas, as crônicas tinham como público-alvo a população angolana. Contudo, com a coletânea, o público-alvo mudou, passando a ser o leitor brasileiro. A obra aborda temas ligados à ancestralidade, à diversidade étnica e linguística do país africano. Além disso, as narrativas destacam a representação da figura feminina e o seu papel na formação dessa sociedade.



Mãe Angolana.

Tavares mantém uma relação próxima com o Brasil, participando de pesquisas e eventos no país, como debates na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal Fluminense (UFF). Assim como outros autores africanos, teve sua escrita influenciada por autores brasileiros como: Manuel Bandeira, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade.



Capa do *Um rio preso nas mãos*, pela editora Kapulana

Conforme Facchin (2021), “a memória é um dos pontos-chave para compreender a obra de Ana Paula Tavares” (FACCHIN, 2021, p. 234). Isso porque a literatura da autora se coloca como um projeto mantenedor da memória, pois reaviva as tradições apagadas pela dominação colonial.

Dessa forma, a cronista utiliza seus textos como um meio de consolidar a identidade cultural dos povos africanos e tornar possível a manutenção de uma consciência crítica sobre as literaturas eurocêntricas que contam as narrativas dos sujeitos dominados por apenas um único ponto de vista, isto é, o do homem branco colonizador. Um exemplo disso é encontrado na crônica *Mães da Nigéria* (p. 44), a qual retrata a dor pelo desaparecimento de filhos e filhas causada pelo Boko Haram, entidade fundamentalista e terrorista que surgiu no estado de Borno, na Nigéria, em 2002:

Venham, oh mães, que aqui se canta a história de uma noite, meio dia e algumas horas e assistam de pé aos cantos dos vossos filhos que agora já não cantam. Venham oh mães com as vossas vozes noturnas chorar os filhos, os antigos e os novos de cujos corpos o rio da vida fugiu, como o antigo rio que nos alimentava e cedeu ao deserto, venham oh mães porque por aqui passou a loucura com bandeiras de fogo e vento e nada é igual ao tempo. Chamei-vos para que a palavra repetida, a que cura e veste, não pare mais e consiga rasgar este silêncio que agora desceu sobre as nossas vidas como uma pedra, uma única pedra que rompeu o nosso sonho e de seguida a vida de todos aqueles que, no mercado, ainda buscavam o peixe (TAVARES, 2019, p. 44).

Na crônica de Tavares, existe uma preocupação em relação ao esquecimento das vozes daqueles que partiram. O destinatário do texto, as mães, é chamado de forma apelativa para confrontar as consequências do desaparecimento ou da morte dos filhos. Na verdade, temos uma composição em tom lírico, na qual o uso do verbo no imperativo, juntamente com o vocativo “Venham, oh mães”, aproxima o texto de um cântico, embora com estrutura em prosa (DA SILVA, 2022, p. 32).

De acordo com Maria Carolina da Silva (2022), ao analisarmos o título da crônica, *Mães da Nigéria*, embora a nacionalidade das mulheres seja especificada pelo adjunto adnominal “da Nigéria”, a temática do livro estabelece conexões com experiências além das fronteiras nigerianas, uma vez que a tristeza é um sentimento universal. Sendo assim, utilizando uma linguagem poética e elementos alegóricos, como a pedra - que pode ser vista como uma metáfora para os eventos trágicos que destroem esperanças e vidas - a escritora rememora acontecimentos sociopolíticos, explora temas profundos e os conta a partir

de um olhar sensível, que convoca o leitor à reflexão.



A autora e o livro

A busca pela identidade e suas manifestações também são aspectos presentes na coletânea da angolana. Essa representação, que analisamos e compreendemos em seu livro, reflete uma busca pelo reconhecimento de sua cultura. Ana Paula Tavares visa instigar seus leitores a explorar novos horizontes para a cultura africana, especialmente aquela relacionada ao seu próprio contexto. Tal procura pela identidade pode ser compreendida como um sistema de representações, ou seja, uma tentativa de tornar o real presente. Nessa perspectiva, para o autor Tomaz Tadeu da Silva (2002), a representação e a identidade caminham juntas, uma vez que a representação necessita da identidade e da diferença, como explicitado no trecho a seguir:

É aqui que a representação se liga à identidade e à diferença. A identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, identidade é isso (TADEU DA SILVA, p. 91, 2002).

Dessa forma, ao analisar os textos da escritora percebemos que ela assume um papel de porta-voz da cultura angolana e, nesse sentido, reúne identidade e representação em seu livro. Isso se dá, principalmente, por meio da valorização de seu povo. Através de sua escrita, há uma busca pelo reconhecimento de suas origens e o fortalecimento identitário por meio da literatura. Para exemplificar selecionamos o seguinte trecho da crônica Famílias:

Minha mãe, a descendente direta da linhagem da serpente, sua filha e sua mãe, trocou-me a pele na hora em que nasci, morrendo por mim nesse ano dos ratos, preparou-me para mudar de pele a cada ano, em

*véspera da última lua cheia.
Assim passei a sentir sempre
quando me instalo a arder entre a
tarde e a noite e sou, por um
instante, não mais que um breve
instante o sol incandescente antes
do gelo da noite lunar onde me deito
para crescer o meu destino de vaca
perdida a todos os sons da noite à
espera, cansadamente à espera da
luz do dia (TAVARES, 2019, p. 85).*

Conforme analisamos a crônica, percebemos que Ana Paula Tavares promove um resgate cultural sócio-identitário, explorando como as tradições e memórias são passadas de geração em geração, por meio de símbolos e rituais. No texto, a mãe é apresentada como uma figura mítica, que reafirma o elo da narradora à sua ancestralidade. Podemos destacar também a representação feminina, como outro aspecto marcante, sobretudo, na personagem Matilda, apresentada como uma espécie de guardiã de conhecimentos ancestrais. Ela entrega uma folha de loureiro à narradora, cujo objeto é descrito como algo poderoso e de extrema importância.

Diante disso, fica evidente que a escrita de Ana Paula Tavares possui um papel significativo e importante no ramo da literatura. Ao descrever de maneira singular as memórias, vivências e costumes do povo angolano, ela perpetua a identidade dessas comunidades e, conseqüentemente, marca a resistência contra a opressão e o apagamento cultural. Além disso, é fundamental ressaltar que sua coletânea de crônicas dá voz a uma população que foi devastada e silenciada ao longo da história por meio da colonização realizada pelos portugueses a fim de estabelecer as suas crenças, doutrinas, línguas e entre outros. Assim, Tavares rompe com o estilo literário preestabelecido e suscita em seus leitores a curiosidade em descobrir e conhecer não apenas a região, mas também as inúmeras histórias de Angola.

Em 2011, a escritora participou do documentário *Cartas para Angola* (2011), dirigido por Coraci Ruiz e Júlio Matos. A produção explora a troca de cartas entre amigos, artistas e pesquisadores que vivem em Angola, Brasil e Portugal. Em relação à Tavares, o documentário destaca as cartas trocadas entre a autora e Ondjaki, os quais falam da vida, da saudade e de como é estar vivendo fora de seu país de origem.

*November without water
Olha-me p'ra estas crianças de vidro
cheias de água até às lágrimas
enchendo a cidade de estilhaços
procurando a vida
nos caixotes do lixo.*

*Olha-me estas crianças transporte
animais de carga sobre os dias
percorrendo a cidade até aos bordos
carregam a morte sobre os ombros
despejam-se sobre o espaço
enchendo a cidade de estilhaços.*

Ana Paula Tavares (In: Antologia de poesia africana de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2003.)

REFERÊNCIAS

Biografias de Mulheres Africanas. **Ana Paula Tavares (1952)**. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/ana-paula-tavares-1952/>. Acesso em: 8 ago. 2024.

DA SILVA, Maria Carolina. **Vozes femininas: o combate à invisibilidade nas crônicas tavianas**. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 31-36.

FACCHIN, Michelle. **Memória, Identidades e Angolanidade em Ana Paula Tavares**. Pontos de Interrogação, v. 11, ed. 2, p. 229-245, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/14391/9856Aranda>. Acesso em: 8 ago. 2024.

SILVA, Tomaz T. da. (Org.). HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SANTOS, Géssica Brito. **Feminismo e crítica decolonial nas crônicas de Ana Paula Tavares**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz. Bahia: UESC, 2022.

TAVARES, Ana Paula. **Um rio preso nas mãos: crônicas**. São Paulo: Kapulana, 2019.

KAPULANA. **Ana Paula Tavares**. 2019. Disponível em: <https://www.kapulana.com.br/ana-paula-tavares/#:~:text=Ana%20Paula%20Tavares%20tem%20v%C3%ADnculos,Neto%2C%20e%20pela%20m%C3%BAsica%20brasileira>. Acesso em: 15 set. 2024.

A INFLUÊNCIA AFRODESCENDENTE NAS TRADIÇÕES GAÚCHAS: UM LEGADO DE RESISTÊNCIA E CULTURA



ILMA TERESINHA FERREIRA PEREIRA



O presente texto aborda a influência do negro nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) do Rio Grande do Sul. O CTG é uma sociedade sem fins lucrativos que procura disseminar as tradições gaúchas e o folclore da cultura gaúcha. Os CTGs são entidades tradicionalistas que cultivam os hábitos e costumes do gaúcho no Rio Grande do Sul e apresentam, hoje em dia, entidades espalhadas por todo o Brasil e até fora dele. Essas entidades gaúchas propõem-se a realizar a integração social dos tradicionalistas quanto ao resgate e a perpetuação dos costumes gaúchos (Encontro Internacional Fronteiras e Identidades, 2014).

O primeiro CTG criado no Rio Grande do Sul foi o “35 CTG” na cidade de Porto Alegre no dia 24 de abril de 1948, entretanto, a presença do negro no CTG é uma parte essencial da história cultural deste estado. Pela sua narrativa histórica, ressalta-se a estampa do gaúcho branco de ascendência europeia essencialmente de linhagem portuguesa e espanhola. Porém, os negros tiveram uma contribuição importantíssima na história e na cultura rio-grandense a partir do período colonial, passando pela escravidão até os dias atuais (Garcia, 2014).



Imagem do “35 CTG”, primeiro galpão na Av. Ipiranga.

Os afrodescendentes contribuíram significativamente para a formação da identidade gaúcha, enriquecendo a cultura local com suas tradições, habilidades e valores. Suas contribuições se manifestam de várias formas na cultura, música, gastronomia, artesanato, história e na luta por direitos. Em um contexto onde a diversidade cultural é fundamental, o reconhecimento e a celebração das contribuições afro-brasileiras no CTG são vitais para uma compreensão completa das tradições gaúchas. Essa integração cultural reflete a riqueza e a complexidade da história do Estado, destacando a importância da inclusão e da representatividade em todos os aspectos na vida cultural e social (Lorscheider, 2018).

Pode-se afirmar que este é um tema bastante complexo e de muita significância para a cultura gaúcha (Santos, 2022; Garcia, 2021). Tradicionalmente, de acordo com

Santos (2022), os CTGs são vistos como ambientes em que se preservam e se propagam as tradições culturais do nosso Rio Grande do Sul, especialmente, e sobretudo, aquelas que dizem respeito ao gaúcho, como os costumes rurais, as vestimentas de nossos antepassados, a música e em especial as danças.

O gaúcho negro foi frequentemente negligenciado no Rio Grande do Sul, evidenciado pela falta de reconhecimento e pela representação limitada da cultura afrodescendente. Muitas vezes, essa cultura é retratada com ênfase no sofrimento e nas injustiças enfrentadas, em vez de destacar suas realizações e contribuições culturais, embora a cultura de influência africana esteja enraizada em nossas tradições (Morales, 2021).

Percebe-se que há uma interferência africana quanto à culinária gaúcha, que foi consideravelmente influenciada pelas técnicas e acompanhamentos de alimentos trazidos da cultura africana. Neste contexto, se pode citar como exemplo, o “Feijão Tropeiro” e o “Arroz Carreteiro”, que têm suas raízes na culinária afro-brasileira. Esta é mais uma das heranças que tivemos do povo africano. Eles foram forçados a se reinventar na sua culinária com os ingredientes que haviam aqui, diferentes dos que estavam acostumados. O prato mais típico da culinária dos negros era a feijoada, que era feita das sobras das carnes usadas pelos donos de engenho (Santos, 2016).



“Arroz Carreteiro”

Aqui no Rio Grande do Sul, um grupo de cidadãos negros na década de 70 fundou dois centros de tradições gaúchas negros, a saber, o CTG Negros Ronda Crioula no município de São Sepé e o CTG Clareira da Mata na cidade de Caçapava do Sul, que surgiam em contrapartida contra o racismo no Movimento Tradicionalista Gaúcho, pois até então os negros não podiam frequentar os espaços de lazer de pessoas brancas, pois haviam bailes exclusivamente de brancos e exclusivamente de negros (Santos, 2022).

¹Agradeço a Andrea de Carvalho Pereira, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI - Oliveira Silveira), pela orientação nesta pesquisa.



Logo "CTG Ronda Crioula"

De lá para cá, muitas lutas e batalhas foram vencidas pelos negros e deixaram um expressivo legado para as tradições do Rio Grande do Sul. Hoje em dia, já não vemos mais essa discriminação nos CTGs que frequentamos em todo o nosso estado, mas sim uma integração entre brancos e negros confraternizando e abraçando o mesmo movimento tradicionalista gaúcho (Santos, 2022).

Conforme Santos (2016), os negros é que idealizaram a civilização brasileira, eles foram, no início de tudo, os braços e as pernas dos senhores de engenho daquela época. Acredita-se que sem o negro nada teria sido construído, pois eram os trabalhos braçais dos negros que mantinham o funcionamento dos engenhos, colaborando assim, com os costumes brasileiros em todos os sentidos.

O patrimônio deixado pelo povo africano para o Brasil é imenso, a sua competência e capacidade não só nos serviços braçais, mas também em outros campos como artes (artesanato), religião (candomblé e umbanda), danças (capoeira e samba) e até mesmo na economia do povo brasileiro, o negro com certeza deixou sua contribuição, pois mesmo sendo escravizado e maltratado nunca deixava de trabalhar e resistir (Santos, 2022).

Apesar de infelizmente até os dias de hoje o negro não ser valorizado como deveria, podemos dizer que uma das maiores fortunas da cultura gaúcha foi trazida pelos africanos ao nosso estado. Suas contribuições nos deixaram um imenso legado para a cultura rio-grandense especialmente na formação dos nossos Centro de Tradições Gaúchas (CTG), eles influenciaram fortemente nas danças apresentadas até hoje e também as declamações, provas de rédeas, de laço e colaborações dos antepassados africanos na cultura gaúcha. Uma imagem que representa o negro na arte gaúcha está apresentada na Figura 1.

Assim, apesar das adversidades, o negro gaúcho continua a enriquecer a identidade cultural do nosso estado. Podemos considerar inaceitável que mesmo com toda a

informação disponibilizada, a história não seja disseminada na sua integridade, e que todo o legado e contribuição sejam apagados por demonstrações de racismo e desigualdade. Neste sentido, a presença de pessoas negras nos Centros de Tradições Gaúchas (CTG) não é apenas uma questão de participação cultural, mas também um ato político de resistência e afirmação de direitos.



Figura 1 - Representatividade negra nas danças
Fonte: Pellegrini (2023).

Como considerações finais, Morales (2021) apresenta uma entrevista realizada em 2018, com Fernanda Marten, mulher cis hétero branca, na qual destaca que a participação de pessoas negras em ambientes tradicionalmente ocupados por brancos, como o CTG, é uma maneira de reivindicar e ocupar espaços que também lhes pertencem por direito. "Pessoas negras estando pilchadas, frequentando um CTG, são um ato político de resistência, o que significa tomar para si aquilo que também lhes é de direito. Pessoas negras devem estar onde elas quiserem estar.". Esta visão reforça a importância da inclusão e da diversidade nos espaços culturais, reconhecendo que todos têm o direito de participar e contribuir para a construção e preservação das tradições gaúchas. Pode-se dizer que a cultura negra continua a ser uma fonte de estímulo e inovação e também de muitas influências nas artes e na gastronomia brasileira.

Liliana Cardoso Duarte, de 43 anos, é a primeira mulher negra nomeada patrona dos Festejos Farroupilhas do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES, 2., 2014, Pelotas. **O mito do gaúcho e a formação da identidade estadual**. Pelotas: História Regional, 2014. p. 10. Disponível em: https://www.academia.edu/9680119/O_mito_do_ga%C3%B4cho_e_a_forma%C3%A7%C3%A3o_da_identidade_estadual. Acesso em: 29 jul. 2024.

GARCIA, Cecília. **O sul do Brasil também é negro: conheça territórios produtores de cultura no passado e presente**. Educação e Território. [S. l.]: Cidade Escola Aprendiz, 2021. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/o-sul-do-brasil-tambem-e-negro-conheca-territorios-produtores-de-cultura-no-passado-e-presente/>. Acesso em: 26 jul. 2024.

LORSCHIEDER, Guilherme Milani. **Influência da cultura negra no movimento tradicionalista gaúcho**. Caxias do Sul: Estância Virtual, 2018. Disponível em: <https://estanciavirtual.com.br/inicial/2018-10-02-influencia-da-cultura-negra-no-movimento-tradicionalista-gaucha/>. Acesso em: 01 ago. 2024.

MORALES, Catiane Pinheiro. **Prendas e peões: gênero e raça nas danças tradicionais gaúchas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pelotas, 2021 p. 157. 2021. Disponível em: chrome-extension://oemmndcblldboiebfnladdacbfmadadm/https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/8158/1/Dissertacao_Catiane%20Pinheiro%20Morales.pdf. Acesso em: 02 ago. 2024.

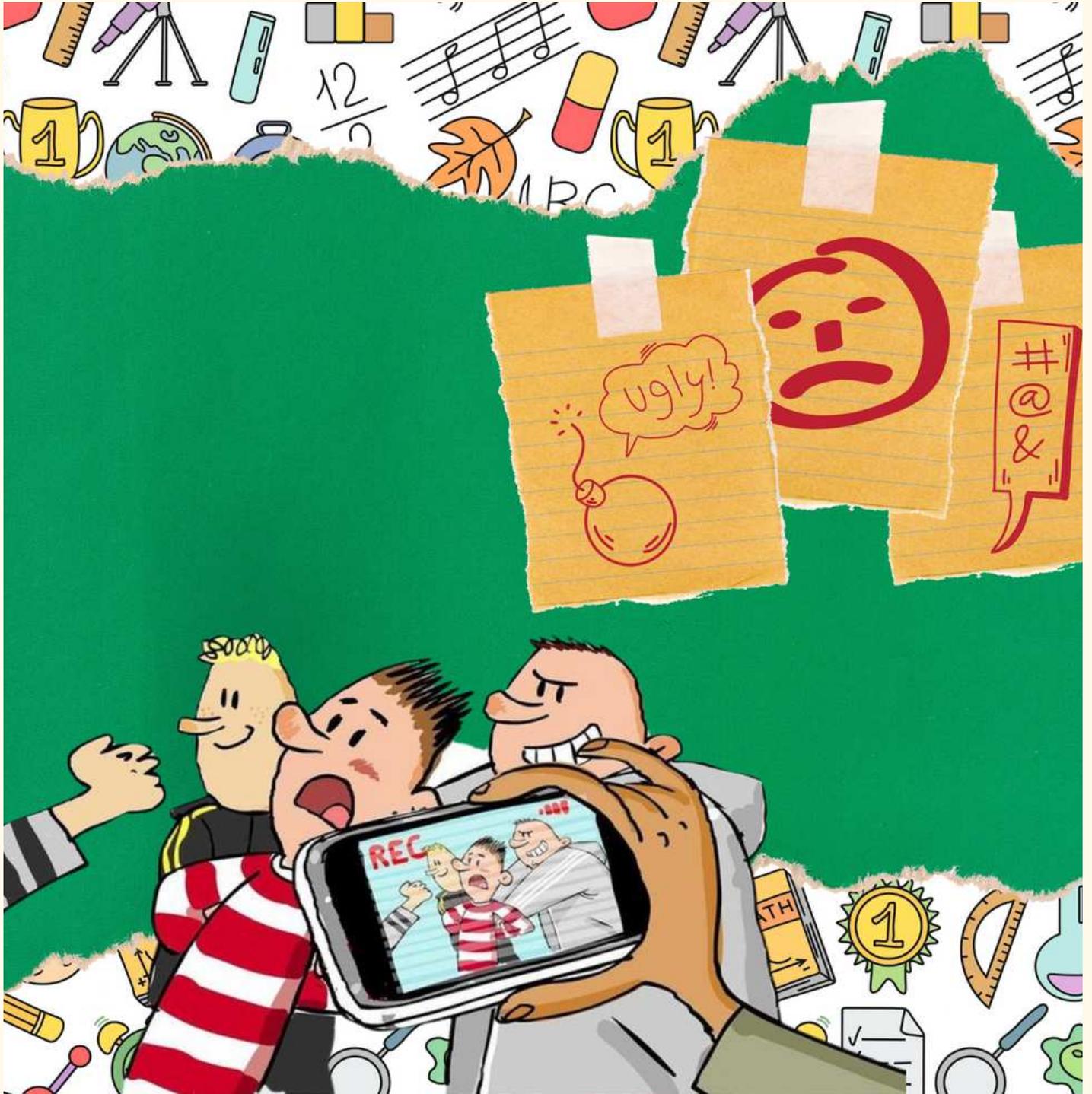
PELLEGRINI, Isadora. **Representatividade negra na arte gaúcha: cultura rio-grandense é ressignificada por meio da pintura em trabalho de conclusão de curso na UFSM**. Revista Arco: Jornalismo Científico e Cultural. [S. l.]: Santa Maria, 2023. Disponível em: <https://ufsm.br/r-601-9852>. Acesso em: 22 set. 2024.

SANTOS, Isadora Bispo dos. **Negrosul: Centro de Tradições Gaúchas na contramão do racismo: espaços de afirmação, resistência e patrimônio do povo negro**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, p. 77. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/24951>. Acesso em: 27 jul. 2024.

SANTOS, Maria Arlete. Contribuição do negro para a cultura brasileira. Temas em Educação e Saúde, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 217-229, jul./dez. 2016. ISSN: 1517-7947. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/10229>. Acesso em: 31 jul. 2024.



O BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: O USO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO APARELHO IDEOLÓGICO DO ESTADO



GABRIEL DE SOUZA PADÃO PORTO



Os casos de bullying no ambiente escolar são frequentes, manifestando-se por meio de agressões tanto verbais quanto físicas. No início de 2024, o Brasil foi surpreendido por uma situação de bullying que tirou a vida de um adolescente de 13 anos. O jovem já vinha sofrendo agressões verbais e físicas, contudo, em uma dessas ocasiões, acabou sendo morto após alguns de seus colegas pularem sobre suas costas. Diante disso, surgem questionamentos sobre a maneira como as instituições de ensino lidam com esses casos em seus ambientes escolares. Além disso, de que maneira a escola, como aparelho ideológico do Estado, regula o comportamento dos alunos? Quais são os relatos de alunos que já sofreram bullying e como os pais desses alunos lidam com isso e dialogam com as escolas?



Alguns relatos encontrados nos sites: PET Enfermagem (Unifal - MG); pais e filhos; Saúde Plena, onde os ex-alunos e pais comentaram sobre o bullying sofrido e as dificuldades que enfrentaram:

1. "Sempre fui diferente das outras crianças e isso era motivo de chacota e piadas entre eles. Eu apenas não gostava das mesmas coisas que eles. Devido a isso pegavam no meu pé, mexiam comigo, me zoavam, até que passaram a zombar da minha aparência física. Me chamavam de feio e estranho. Cresci e por mais que isso não tenha acontecido mais, as marcas do passado ainda estão presentes. Esse tipo de 'crescimento' afetou muito minha autoestima. Já me automutiliei uma vez. Lembro que aconteceu logo após terem mexido comigo devido às espinhas que tinha na época. Simplesmente cheguei em casa e esfreguei meu rosto o mais forte que consegui com uma esponja. Resultado, várias feridas em meu rosto. 'Já era feio mesmo. Pra pior não ia mudar nada.'"

2. "Por eu ser muito magra, as outras crianças da minha escola me colocavam apelidinhos sem graça, e isso afetava muito minha autoestima. Hoje em dia eu não sofro mais, pois eu contei para os meus pais. Se você sofre bullying, fale para o seu responsável, pois isso é um assunto sério... Várias pessoas já perderam sua vida por causa disso. DIGA NÃO AO BULLYING!!"

Percebe-se, no discurso das vítimas de bullying, que todas carregam feridas internas e até mesmo externas por anos, traumas que essas pessoas talvez levem para o resto de suas vidas. Vale ressaltar que qualquer brincadeira deve cessar a partir do momento em que alguém se sente ofendido. Nos depoimentos acima, foram expostas situações em que as supostas brincadeiras feriram internamente as pessoas e criaram feridas. Os pais de crianças e jovens que sofrem bullying nas escolas também são afetados, e a maneira como eles dialogam com as escolas é um fator que precisa ser exposto. Por exemplo:

3. "Minha filha começou a fazer xixi na calça e não queria mais ir para a escola. Já fiz reuniões com a escola e com alguns pais das crianças que provocaram, mas não adiantou".

4. "Eu já falei na diretoria: a gente leva nossos filhos para a escola achando que vai ter segurança e acontecem essas coisas. Se ele não está seguro lá, onde vai estar? Ele fica mal em casa, reclama o tempo todo. Como ele vai ter interesse passando por isso na escola?"

Há uma semelhança entre os dois depoimentos: a reclamação sobre a falta de preocupação e empenho das escolas em resolver as situações de bullying contra os alunos. Mesmo com os pais tentando dialogar com as instituições de ensino para pôr fim às situações de bullying, as escolas, de acordo com os relatos dos pais, não atenderam de maneira adequada a tais petições de posicionamento dos responsáveis. Em um dos depoimentos, o aluno estudava em uma escola pública, o que traz à tona a preocupação com a maneira como a educação pública vem sendo conduzida nas diferentes instituições. Contudo, vale ressaltar que esses problemas não podem ser analisados superficialmente, pois:

Apresentam, assim, um diagnóstico de caráter homogeneizador da natureza dos problemas do ensino de norte a sul do país, ignorando as diversas realidades. As responsabilidades pelos fracassos no atual quadro educacional são atribuídas a entidades, instituições e categorias: "escola", "sociedade", "governo", "professor", "material didático", "metodologias", como se todos esses elementos estivessem destituídos de agentes efetivos. (Souza, 1999, p. 60)

Michel Foucault, em seu livro *Vigiar e Punir*, aborda a relação entre escola e sociedade a partir da ideia de "controle de comportamento", presente em outras instituições sociais, como prisões e quartéis. Ele expõe que o sistema aplicado nessas instituições é composto por "mecanismos de vigilância e punição", conforme mencionado no texto:

O encarceramento com seus mecanismos de vigilância e punição funciona, ao contrário, segundo um princípio de relativa continuidade. Continuidade das próprias instituições que existem num relacionamento recíproco (dos órgãos de assistência para o orfanato, para a casa de correção, para a penitenciária, para o batalhão disciplinar, para a prisão; da escola para o patronato, para a oficina, para o refúgio, para o convento penitenciário; da cidade operária para o hospital, a prisão). (Foucault, 1987, p. 325).

Diante disso, as escolas desempenham um papel importante, por meio da pedagogia, no controle social. As instituições de ensino precisam estar presentes nas questões que tangem à formação do comportamento dos alunos no ambiente escolar. Na verdade, isso não se limita apenas à aprendizagem em sala de aula, mas também à interação entre os alunos. A escola tem a autoridade para monitorar as atividades e comportamentos que ocorrem dentro de seus ambientes e tomar as medidas necessárias para resolver qualquer problema que possa surgir entre os alunos. Além disso, cabe a ela ensinar aos alunos como a sociedade se organiza, com hierarquias que devem ser respeitadas, seja dentro ou fora das escolas.



Os relatos 1 e 2 dos alunos ilustram claramente como a sociedade “enxerga” aquilo que é diferente de si, algo que se manifesta desde os primeiros anos na escola. Essa problemática precisa ser abordada e controlada no ambiente escolar. Por ser uma instituição que acolhe pessoas de diferentes classes sociais e etnias, é dever cívico das escolas orientar os alunos para que compreendam que as diferenças, sejam de cor da pele ou outras questões físicas, não devem ser motivo de discriminação, mas sim de respeito às particularidades de cada um.

Os relatos 3 e 4 dos pais dos alunos mostram que, embora os pais tenham conseguido contatar as autoridades escolares, estas demonstraram descomprometimento na aplicação do que foi discutido nessas conversas. Isso levou, inclusive, o filho(a) do(a) responsável no segundo relato a se sentir inseguro(a) em frequentar a escola devido ao bullying. Esse cenário evidencia a ineficiência dessas instituições em cumprir

seu papel social, como já mencionado. As escolas precisam garantir uma comunicação saudável e eficaz, que resulte na implementação do que foi discutido com os pais e seja complementada por ações com os alunos, tornando essas iniciativas mais efetivas.

Essa problemática e o contato com os pais dos alunos, portanto, devem ser tratados de acordo com o contexto social em que a escola está inserida, levando em consideração as diferentes realidades dessas instituições. O livro didático, segundo Deusa de Souza em *O Jogo Discursivo na Aula de Leitura: Língua Materna e Língua Estrangeira*, utilizando as palavras de Michel Foucault, expõe o seguinte: “... hoje em dia, a história transforma os documentos em monumentos ... e se volta à descrição intrínseca do monumento” (1995, p. 115). A autora, com isso, parte da ideia de que o livro didático é visto como um documento, pois incorpora e transmite as questões culturais e sociais de uma determinada época e sociedade. No entanto, também é um objeto que pode ser atualizado, seguindo esses preceitos. As escolas brasileiras, que, de acordo com Coracini, estão sujeitas ao filtro editorial com propósito de mercado, de certo modo, limita a atuação do professor nas salas de aula, pois este está restrito a seguir as instruções deste documento. Na verdade, nem mesmo o autor do livro didático tem total liberdade sobre sua autoria. Como aponta Coracini (1999, p. 31):

Parece que a questão de autoria no livro didático está ligada à “ilusão de autoria”; ilusão necessária mesmo que ela seja dispersa, moldada pelo aparato editorial e determinada pelo prestígio que determinadas editoras já gozam no mercado da produção do livro didático. O autor do livro didático nem sempre tem autonomia para configurar o seu material, nem mesmo o professor para a escolha do manual de sua preferência.

Sendo assim, os professores ficam de “mãos atadas” diante de situações de bullying, pois cada uma dessas situações deve ser tratada conforme suas particularidades, como já citado anteriormente. Se o livro didático utilizado pelo professor em sala de aula não lhe confere real autonomia sobre o que exercerá com os alunos, significa que questões que fujam desse documento deixarão o professor refém, sem a liberdade de tratar as particularidades da turma como elas devem ser tratadas.



Portanto, o professor pode se tornar o "vilão" na visão dos pais, pois alguns casos de bullying ocorrem "diante dos olhos" dos professores. No entanto, não se percebe que a atuação do professor no âmbito escolar, muitas vezes, não compreende a maneira adequada de tratar desses assuntos, conforme cada particularidade exige. Isso acaba se refletindo nos demais responsáveis pela escola.



Diante de tudo isso, é necessário salientar a importância de uma avaliação adequada do livro didático para uma boa formação do professor e do aluno, como indica Coracini (1999). Além, disso, um bom respaldo do livro didático pode ajudar o docente a lidar de forma adequada com situações de bullying na escola e contribuir para sua comunicação com os pais dos alunos, seguindo as orientações de um documento que, conforme já citado anteriormente por Deusa de Souza, a relação entre o livro didático e o documento reside justamente na preservação do que as escolas construíram no campo pedagógico, além das intervenções que ele sofre ao longo do tempo, tornando-se um documento autônomo.

Continuamos, assim, com o livro didático como documento da história tradicional, ou seja, como "detentor" de um saber já posto, a ser resgatado, como algo que é auto-suficiente, que se basta. (Souza, 1995, p. 117).

O documento, então, precisa contemplar tais questões sociais no ambiente escolar. Conforme já mencionado, é fundamental o diálogo entre a escola, os alunos e os pais. Contudo, essa comunicação também precisa incluir os alunos que praticam o bullying, pois, geralmente, são alunos que já vêm de famílias desestruturadas e descontam seus problemas na escola, afetando seus colegas. Por isso, é importante tratar o problema também com quem o pratica, enfrentando de frente cada instância desse assunto. ■



REFERÊNCIAS

CORACINI, M.J. (Org.) **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. Campinas: Pontes Editora, 1999.

DOMINGUES, Brenda; DIAS, Jonas; OLIVEIRA, Savana. 30 de agosto de 2021. Disponível em: <https://petenfermagemunifa.wixsite.com/petenfermagem/post/acoexa-depoimentos-sobre-bullying>. Acesso em: 13 de agosto de 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

MARIANO, Laura. **Adolescente de 13 anos morre após sofrer agressões de colegas em escola**; pai diz que filho sofria bullying. O Globo, São Paulo, 18 de abril de 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/04/18/adolescente-de-13-anos-morre-apos-sofrer-agressoes-de-colegas-em-escola-pai-diz-que-filho-sofria-bullying.ghtml>. Acesso em: 13 de agosto de 2024.



RUSKY, Renata. **A covardia do bullying:** vítimas relatam suas experiências. Saúde Plena, 04 de dezembro de 2016. Disponível em:

<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2016/12/04/noticias-saude,197351/a-covardia-do-bullying-vitimas-relatam-suas-experiencias.shtml>. Acesso em: 13 de agosto de 2024.

SOUZA, Deusa Maria de Souza. O livro didático como construção do discurso na sala de aula. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes, 1995.

SOUZA, Deusa Maria de Souza. **Gestos de Censura.** Interpretação, autoria e legitimação do livro didático. Campinas: Pontes Editora, 1999.

ZACHARIAS, Isabella. **Relato de mãe:** “Minha filha sofre tanto bullying que está fazendo xixi na calça”. Pais e filhos, 14 de maio de 2019. Disponível em:

<https://www.paisefilhos.com.br/crianca/relato-de-mae-minha-filha-sofre-tanto-bullying-que-esta-fazendo-xixi-na-calca/>. Acesso em: 13 de agosto de 2024.

ANÁLISE DE INDICADORES SOCIAIS E EDUCACIONAIS - A DESIGUALDADE NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



FERNANDA MORRUDO ROSA





Introdução

A presente pesquisa “Análise de Indicadores Sociais e Educacionais - A Desigualdade no Estado do Rio Grande do Sul” tem como centro a meritocracia e a partir desse examinar indicadores educacionais, econômicos e sociais, construindo uma investigação relacional entre indicadores educacionais (Índice de desenvolvimento da educação no Ensino médio e rendimento escolar) de dois grupos de municípios do estado do Rio Grande do Sul, a região serrana, que inclui municípios próximos da capital do estado e a região sul, que inclui municípios da fronteira sul. Com estes parâmetros, buscando melhor compreender as disparidades regionais no estado.

Atualmente, verificamos a presença de uma centralidade do debate educacional nas figuras da escola e do professor. A ideia da culpabilização individual pregada pela sociedade neoliberal aparece no cenário educativo culpando os professores e a escola como os responsáveis pelo fracasso ou sucesso dos alunos. Essa culpabilização direcionada para o indivíduo acaba por desconsiderar um contexto socioeconômico. De acordo com Frigotto e Ciavata (2003), o projeto educacional, em seu conjunto, não pode estar desvinculado do projeto social mais amplo e no plano mais profundo da materialidade das relações sociais está a crise da forma capital. Depois de uma fase de expansão, o núcleo orgânico e poderoso do capitalismo entra em crise em suas taxas históricas de lucro e exploração. É importante observarmos que, diante do colapso de um sistema econômico, faz-se necessário a renovação de um discurso de dominação e da busca de bodes expiatórios para a crise. O primeiro elemento que fortemente passa a compor esse culpado é o indivíduo e sua capacidade de superação da crise, e aqui é onde entra a lógica da meritocracia.



A meritocracia é um termo que se origina da união de *mereo*, do latim, que quer dizer, digno, ser merecedor, e do sufixo grego *kratos*, que quer dizer, poder, força. Sendo assim, meritocracia é alcançar o poder através do merecimento, nos dando a ideia de que os indivíduos não devem se destacar apenas pela classe social, mas sim pelo seu merecimento.

Seguindo este raciocínio, podemos dizer que alcançam seus objetivos aqueles que se esforçam para tal.

Mas, e na Educação? De que forma ela se articula?

Na Educação, a meritocracia passa a ser um critério de desempenho escolar, relacionando o sucesso educacional com a educação de qualidade, dando ênfase à desigualdade social quando falamos dos privilegiados e dos não privilegiados, os que têm acesso a um bom ensino e os que não têm.

Analisando estes fatos, podemos dizer que são vários os aspectos que determinam essas diferenças sociais.

A meritocracia passa a ser vista como sinônimo de justiça, ou seja, se você é rico, se você conquista seus primeiros milhões, você é merecedor dessa riqueza porque você lutou para conquistá-la. Segundo essa ideologia, o mérito é seu e você deve desfrutá-lo dessa riqueza com a consciência tranquila de que tudo isso é justo e digno de merecimento. (Guindani e Koga, 2022, pág.16)

A meritocracia se tornou uma espécie de discurso ideológico, que se utiliza de muitas estratégias para convencer as pessoas de que o sucesso ou fracasso constituem um problema individual. Literaturas de autoajuda disseminadas por *coaches* em suas palestras e redes sociais dificultam e obscurecem os olhos das pessoas para uma leitura mais profunda da sociedade.



Para contribuir com a problematização da lógica meritocrática, esta pesquisa busca promover um debate sobre a relação entre a realidade socioeconômica e o contexto escolar. A metodologia da pesquisa consiste numa análise de indicadores educacionais e sociais a partir de dois grupos de municípios gaúchos pertencentes à 4ª e 13ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). O primeiro grupo é composto por municípios da região serrana e o segundo da campanha gaúcha. O período em análise conta com dados obtidos entre os anos de 2021 e 2023.

Na tabela abaixo, analisamos as taxas de distorção do Ensino Médio - Rede pública estadual, escolas urbanas e rurais.

Tabela 1: Taxas de distorção do Ensino médio – Rede pública estadual

CRE	Municípios	Taxa de distorção 2021	Taxa de distorção 2023
4*	Antônio Prado	16,0	16,3
	Cambará do Sul	21,0	12,9
	Canela	16,3	18,0
	Caxias do Sul	23,9	21,3
	Farroupilha	16,6	16,6
	Flores da Cunha	13,9	17,1
	Gramado	17,1	19,2
	Jaquirana	31,1	24,8
	Nova Pádua	19,6	20,7
	Nova Petrópolis	19,8	16,8
	Nova Roma do Sul	25,2	16,0
	Picada Café	10,8	14,5
	São Francisco de Paula	19,1	21,9
	São Marcos	15,5	15,4
Média	18,9	17,9	
13*	Aceguá	8,4	15,8
	Bagé	34,0	31,5
	Caçapava do Sul	35,4	31,6
	Candiota	31,0	25,9
	Dom Pedrito	40,1	31,1
	Hulha Negra	43,9	38,2
	Lavras do Sul	44,3	38,0
	Média	33,8	30,3

Fonte: INEP (BRASIL, 2024)

Podemos observar que o índice de distorção no Ensino Médio, alunos com uma diferença de dois anos da idade prevista para a série em que devem estar, teve uma melhora, não muita, mas ainda assim significativa, do ano de 2021 para 2023 na região serrana no estado. Reparamos que alguns municípios tiveram uma melhora acentuada, como no caso de Cambará do Sul e Nova Roma do Sul, os outros se mantiveram.

Entretanto, na região sul, notamos que este índice é bem mais elevado que na região serrana, e comparando o ano de 2021 e 2023, percebemos que também houve uma melhora significativa. Destacamos o município de Aceguá, com um aumento de quase 50% de distorção no período em destaque. Em geral, a taxa média da região serrana caiu de 18,9 em 2021 para 17,9 em 2023. Enquanto na região sul, a taxa reduziu de 33,8 para 30,3 nos mesmos anos de pesquisa.

Nesta próxima tabela, vamos observar as taxas de abandono do Ensino Médio - Rede pública estadual, escolas urbanas e rurais.

Tabela 2: Taxas de abandono do Ensino médio – Rede pública estadual

CRE	Municípios	Taxa de abandono 2021	Taxa de abandono 2023
4*	Antônio Prado	5,9	4,6
	Cambará do Sul	10,9	5,3
	Canela	13,9	13,6
	Caxias do Sul	9,0	9,4
	Farroupilha	6,6	7,8
	Flores da Cunha	5,9	8,3
	Gramado	7,0	7,0
	Jaquirana	9,4	9,8
	Nova Pádua	5,5	1,8
	Nova Petrópolis	8,7	6,3
	Nova Roma do Sul		2,1
	Picada Café	4,4	5,3
	São Francisco de Paula	3,8	14,4
	São Marcos	4,0	2,8
Média	7,3	7,0	
13*	Aceguá	5,1	2,0
	Bagé	13,9	8,8
	Caçapava do Sul	10,1	4,9
	Candiota	10,3	4,7
	Dom Pedrito	17,9	9,6
	Hulha Negra	17,7	14,5
	Lavras do Sul	22,9	2,8
	Média	13,98	6,7

Fonte: INEP (BRASIL, 2024)

Notamos que, na região serrana, o índice de alunos que deixaram de frequentar a escola praticamente se manteve. Porém, destacamos dois municípios, Cambará do Sul, que teve uma redução de 50% desta taxa, e em contraponto, São Francisco de Paula, que apresentou um acentuado aumento deste índice. Avaliamos que, em relação ao índice de abandono, a região da serra gaúcha teve uma diminuição de 7,3 para 7,0 nos anos de 2021 e 2023, respectivamente. Já a região sul do estado teve uma queda bem acentuada, de 13,9 para 6,7, no mesmo período.

No entanto, a região sul, em uma visão geral, destaca significativamente a redução desta taxa em 50% menos. O município em destaque é Lavras do Sul, com cerca de 90% de aproveitamento.

Essas análises nos dão um panorama e nos permitem mapear esses grupos, e nos levam a refletir sobre o meio sócio-histórico e socioeconômico em que esses alunos estão inseridos. Por que em alguns municípios estes índices são tão elevados e em outros não? Seria falta de acessibilidade, infraestrutura e políticas públicas?

É neste momento que a família entra em ação, os adultos responsáveis pelas crianças passam a ter grande responsabilidade na construção deste novo modelo de educação, olhando mais para a humildade e focando na sua própria realidade, voltando-se e observando o outro e o diferente. As famílias de classe média passam a colocar seus filhos em sintonia com o mundo em que vivem, pois essas crianças necessitam ver a desigualdade social, saber o que é e entendê-la.

As principais etapas da vida de um indivíduo, é certamente a infância e a adolescência, é nesta fase que se marca o seu desenvolvimento emocional, social e psíquico. A desi-

gualdade e exclusão social é promovida pelo capitalismo que enfraquece e fragiliza cada vez mais as famílias, expondo a população em situação de vulnerabilidade social, atingindo diretamente o desempenho da população.

Considerações finais

Portanto, foi a partir destes aspectos teóricos que decidimos fazer uma análise de indicadores sociais e educacionais. Esta pequena investigação nos mostra uma melhoria nos índices educacionais e os fatores que contribuem para este evento são uma melhor distribuição de renda, desenvolvimento urbano, educação de qualidade. São muitos os fatores que contribuem para a redução dessas taxas e com elas que o estado melhora sua qualidade de ensino e conseqüentemente elaborar suas políticas públicas ■



Os índices apresentados nas tabelas (ver página 47) são baseados nos resultados obtidos nas provas do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar no Rio Grande do Sul (SAERS).

REFERÊNCIAS

FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M. 2003. **Educação básica no Brasil na década de 1990**: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. Educação & Sociedade. , Campinas, v. 24, n. 82, 2003.

GUINDANI, E; KOGA, Y. **O novo sucesso**: uma crítica à meritocracia. Curitiba-PR: Appris Editora. 2022

INSTITUTO Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / INEP: **Taxas de Distorção Idade-série**. [S. l.], 22 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/taxas-de-distorcao-idade-serie>. Acesso em: 2 set. 2024.

INSTITUTO Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / INEP: **Taxas de Rendimento Escolar**. [S. l.], 22 fev. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/indicadores-educacionais/taxas-de-rendimento-escolar>. Acesso em: 2 set. 2024.

ÉRIC ROBERTO DA PAIXÃO



PERCURSO, ESCRITA E PANORAMA: ENTREVISTA COM O AUTOR JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

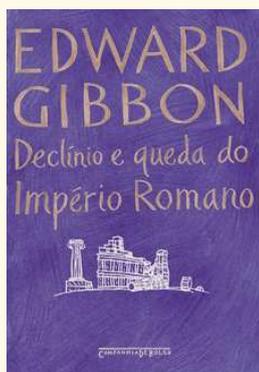


José Francisco Hillal Tavares de Junqueira Botelho, ou José Francisco Botelho, nasceu em Bagé, Rio Grande do Sul, em 1980. Escritor, tradutor, jornalista e poeta, é autor de *A Árvore que Falava Aramaico* (Zouk, 2011), *Cavalos de Cronos* (Zouk, 2018), *E Tu Serás um Ermo Novamente* (Patuá, 2021) *A Odisseia da Filosofia* (Maquinaria Sankto, 2021) e *Guerra do Paraguai: Vidas, personagens e destinos no maior conflito da América do Sul* (Harper Collins, 2021 – com Laura Ferrazza). Especializado em tradução de poesia, verteu obras de Chaucer e Shakespeare, entre outros. Também traduziu diversos prosadores, como Arthur Conan Doyle, Bram Stoker e Patricia Highsmith. É doutor em Letras pela UFRGS.



1 - Para você, como autor, principalmente de prosa, quais são aquelas obras que lhe vêm à mente quando se trata de pensar no que provocou em sua pessoa o desejo pela escrita?

As Mil e Uma Noites; *A História*, de Heródoto; Ésquilo; Os contos de Edgar Allan Poe, Guy de Maupassant, Machado de Assis e Guimarães Rosa; Alguns dos romances de Eça de Queirós; Ursula K. Le Guin; *Declínio e Queda do Império Romano*, de Edward Gibbon; Cecília Meireles; Yeats; Keats.



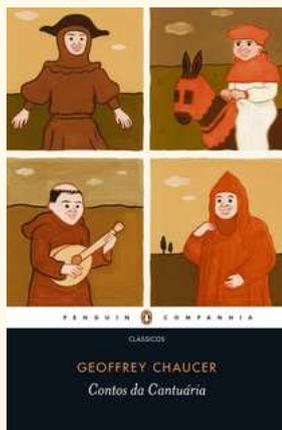
Capa do livro *Declínio e queda do Império Romano*, de Edward Gibbon.

2 - A sua primeira grande tradução, tanto em qualidade quanto em repercussão, deve ter sido a dos *Contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer. Antes de chegar ao ato tradutório em si, você já possuía familiaridade e vínculo com esse texto? Era uma obra querida para você?

No caso do Chaucer, eu o conheci através de um livro do Borges, chamado *História de La Noche*, em que ele é citado num conto intitulado *Un Caballo*. Nessa história, Borges narra uma espécie de visão do Bucéfalo, o cavalo de batalha de Alexandre Magno, e a citação de Chaucer feita pelo nosso argentino é um verso que diz assim: “a very horsed horse”. Fui à procura do texto de onde teria sido esse verso retirado, mas não cheguei a encontrá-lo, então imaginei que se tratasse de uma tradução moderna. Busquei, então, estudar inglês médio para ler o original dos *Contos da Cantuária*; aprendi a língua, que é mais fácil para quem já sabe o inglês moderno. Li a obra e, de maneira inesperada, descobri que aquele verso não existia. Existe alguma coisa de “horsed”, se bem me lembro, no *Conto do Escudeiro*, e devo ter lhe dado uma tradução como “um cavalo cavalhar”, mas não

encontramos o trecho citado por Borges, o que me leva a crer que ele deve ter se enganado, se equivocado ao procurá-lo na memória, ou o inventado, como outras invenções já empreendidas pelo autor de *O Aleph*.

Foi uma decepção, inicialmente, já que não encontrei o meu ansiado verso, tendo aprendido o inglês médio só para achá-lo no decorrer das histórias de Chaucer, mas, por meio dessa jornada, comecei a me empenhar pela tradução do livro que é um dos grandes clássicos da literatura medieval ocidental. O esforço resultou, felizmente, nos *Contos da Cantuária* vertidos para nossa língua.



Capa do livro *Contos da Cantuária* pela Editora Penguin, com tradução de José Francisco Botelho

3 - Em seu estilo, bem como em suas traduções, percebe-se um esmerado cultivo de uma linguagem poética, seja no verso propriamente dito, seja no cruzamento da prosa com determinados sopros de poesia. No seu entendimento, a poesia e a prosa, de alguma maneira, sempre se relacionam, ainda que, obviamente, elas apresentem distâncias entre si?

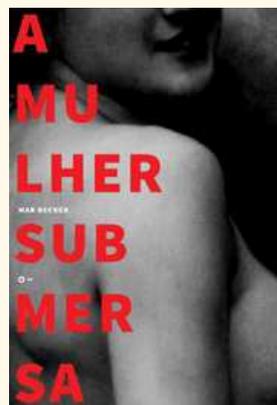
Sempre existe uma ligação entre poesia e prosa; e sempre houve. Vamos lembrar que a poesia já foi eminentemente narrativa; mas hoje considera-se em geral que a função de narrar seja da prosa (exceto na poesia oral em algumas partes do Brasil). Por outro lado, também é comum se atribuir à prosa uma função meramente objetiva, de disposição de fatos em série, encadeados. Para mim, porém, poesia e prosa sempre estiveram em íntima conexão. Utilizo recursos considerados “poéticos” na prosa narrativa, e também narro em versos. Isso tem a ver com minha concepção do ofício literário como um conjunto de coisas. O mercado hoje insiste em dividir, em criar nichos e especialidades, mas não sei me encaixar nisso. Para mim, o ofício literário é tudo o que envolve a literatura. Poesia, prosa, ensaio, tradução e o que mais vier.

4 - Tratando-se do atual contexto literário brasileiro, especificamente no que diz respeito à ficção em prosa, quais considerações positivas e negativas que você acredita serem pertinentes de se levantar?

Infelizmente no Brasil vivemos tempos em que considerações de mercado, como visibilidade, fama, aparições na TV ou meios congêneres etc., se sobrepõem à consideração da qualidade literária. Enquanto durar essa loucura, é difícil fazer uma avaliação sobre a qualidade relativa das obras.

5 - Neste mesmo cenário, quais as considerações sobre a atual poesia brasileira?

Temos excelentes poetas como Mar Becker, Lawrence Flores Pereira, Leonardo Antunes, Altair Martins (que também é ficcionista), Pedro Mohallem, Luis Fernando Neis Blaschke, Emmanuel Santiago e também o rapaz que me faz estas perguntas.



Capa do livro *A Mulher Submersa*, de Mar Becker¹, poeta citada por Botelho.

6 - Ainda neste mesmo cenário, quais as considerações sobre a atual produção de tradução no Brasil?

Temos excelentes tradutores realizando obras-primas tradutórias neste momento, alguns deles também autores de poesia e/ou prosa, como Lawrence Flores Pereira, Leonardo Antunes, Guilherme Gontijo, Pedro Mohallem, Emmanuel Santiago ■

¹Confira a entrevista com Mar Becker, realizada na 12ª edição em 2020.

Revista Informe Letras

15ª EDIÇÃO - DEZEMBRO DE 2024 - ISSN 2447-1895

